Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Amanda Gomes de Matos Ramos

Relações de poder e resistência em *Memorial do Convento* e *Levantado do Chão* de José Saramago

Rio de Janeiro

2019

Amanda Gomes de Matos Ramos

Relações de poder e resistência em *Memorial do convento* e *Levantado do chão* de José Saramago

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Mário Bruno

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S243 Ramos, Amanda Gomes de Matos.
Relações de poder e resistência em Memorial do convento e Levantado do chão de José Saramago / Amanda Gomes de Matos Ramos. – 2019.
75 f.

Orientador: Mário Bruno.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Poder (Ciências sociais) na literatura – Teses. 2. Saramago, José, 1922-2010 - Crítica e interpretação – Teses. 3. Saramago, José, 1922-2010. Memorial do convento – Teses. 4. Saramago, José, 1922-2010. Levantando do chão - Teses. 5. Saramago, José, 1922-2010 - Personagens – Teses. 6. Resistência na arte – Teses. I. Bruno, Mário, 1959-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Amanda Gomes de Matos Ramos

Relações de poder e resistência em *Memorial do convento* e *Levantado do chão* de José Saramago

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 24 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Mário Bruno (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Cláudia Maria de Souza Amorim

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Luís Maffei

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Aos meus pais por todo esforço e amor a mim dedicado.

Ao meu filho Heitor e ao meu companheiro, Ailton, por todo o amor compartilhado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Mário Bruno por toda a atenção, cuidado, dedicação e por tudo que me ensinou durante esses dois anos e meio.

Ao professor Gilvan Procópio Ribeiro, meu primeiro orientador no programa de Monitoria em Literatura Brasileira, pelas excelentes aulas e por tudo que me ensinou durante a minha graduação em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A todos os professores do curso de Letras da UFJF no período em que eu estive por lá.

Aos professores Cláudia Amorim e Luís Maffei por aceitarem fazer parte da minha banca e pelas contribuições ao meu trabalho na Qualificação.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da UERJ por estarem sempre solícitos e prontos a nos auxiliar.

À revisora Beatriz Helena, pela leitura atenta e cuidadosa e pelas correções do meu trabalho.

Aos meus pais, pela educação que me proporcionaram e por serem grandiosos em minha vida.

À amiga Giselle Cantanhede, ao amigo-irmão Leonardo Mendel e família, e aos primos Carol e Thiago pela amizade e por me proporcionarem o conforto de um lar nessas cansativas viagens ao Rio de Janeiro.

Aos meus inesquecíveis amigos da UFJF, Manu, Lili, Samyra, Pam, Junin, Anderson “Lefrique”, Sérgio, Felipe e tantos outros por todos os momentos, os ricos diálogos, as lindas experiências e os atos de resistência.

Ao meu companheiro Ailton, a todos os meus familiares e amigos que me apoiaram e torceram por esse importante momento da minha vida.

Simplesmente o que eu não posso ignorar nem esquecer não é a presença de Deus, mas a presença dos intermediários: aqueles que se instituíram como intermediários de Deus condicionaram e continuam a condicionar em grande parte a nossa vida, o nosso modo de viver, o nosso próprio pensar.

José Saramago

No fundo, a única guerra que nunca aconteceu ou que aconteceu só com alguns episódios, foi a guerra dos ricos contras os pobres, ou melhor, dos pobres contra os ricos.

José Saramago

RESUMO

RAMOS, Amanda Gomes de Matos. *Relações de poder e resistência em Memorial do convento e Levantado do chão de José Saramago* 2019. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esse estudo procura analisar a força e resistência de duas personagens, Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo frente às relações de poder de uma determinada formação histórica: A Idade Clássica e o dispositivo de Soberania e a Idade Moderna e o dispositivo disciplinar. Estas personagens são potências presentes, respectivamente, nas obras *Memorial do Convento* e *Levantado do Chão* do escritor português José Saramago. Para esta proposta, servimo-nos dos estudos teóricos do filósofo francês Michel Foucault que analisa o poder como uma rede de forças difusas provindas de diversos lugares e que tem seu primado na resistência. Essas linhas de força, as forças de resistência, alteram e movimentam os diagramas de poder em diferentes períodos históricos e são as molas geradoras que transformam o mundo e, sobretudo, os homens que não se sujeitam ao poder dominador.

Palavras–chave: Poder. Resistência. Personagens. História. Ficção.

ABSTRACT

RAMOS, Amanda Gomes de Matos. *Power and resistance relations in Memorial do convento and Levantado do chão by José Saramago.* 2019. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This study aims to analyze the strength and resistance of two characters, Blimunda Sete-Luas and João Mau-Tempo in the face of the power relations of a given historical formation: The Classic Age - the logic of Sovereingty and the Modern Age - the discipline device. These characters are powers present in two books respectively, in *Memorial do Convento* and *Raised from the Ground* of the Portuguese writer José Saramago. For this proposal, we use the theoretical studies of the French philosopher Michel Foucault, who analyzes power as a network of diffuse forces from many places and it comes from resistance. The resistance forces alter and move the diagrams of power in different historical periods and transforms the world, especially, men who do not submit to the dominating power.

Keywords: Power. Resistance. Characters. History. Fiction.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	**MICROFÍSICA DO PODER: AS MÚLTIPLAS FORMAS DO PODER**	12
1.1	**O Lugar do poder**	12
1.2	**As verdades instituídas pelo poder**	15
1.3	**Resistência: As dobras do poder que potencializam os homens**	18
2	**AS TRANSFORMAÇÕES NOS DIAGRAMAS DA IDADE CLÁSSICA E DA IDADE MODERNA**	23
2.1	**A Idade Clássica: dispositivo de soberania**	23
2.2	**A Idade Moderna e dispositivo disciplinar**	25
3	**JOSÉ SARAMAGO, CONTANDO DE OUTRA MANEIRA**	29
3.1	**A História revisitada na obra de José Saramago**	30
3.2	**As forças de resistência das personagens saramaguianas**	35
4	**BLIMUNDA SETE-LUAS: O DOBRAR DAS FORÇAS TRAZENDO UMA NOVA RELAÇÃO COM O TEMPO**	39
4.1	**Blimunda Sete-Luas e as dobras da resistência no dispositivo de soberania**	41
4.2	**A potência da personagem Blimunda Sete-Luas**	46
4.3	**Blimunda e uma nova relação com o tempo**	56
5	**JOÃO MAU-TEMPO: DE REPRESENTAÇÃO DO CAMPONÊS COMUM A HOMEM SINGULARIZADO**	61
5.1	**João Mau-Tempo e a criação de linhas de fuga**	64
5.2	**Os atos de resistência e a reorganização do diagrama de forças**	68
	CONCLUSÃO	71
	REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

O propósito desta dissertação é analisar as personagens Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo presentes nas obras *Memorial do Convento* e *Levantado do Chão* sob a ótica das relações de poder e resistência desenvolvida nos estudos do filósofo francês Michel Foucault. O que nos despertou o interesse de estudarmos as personagens do autor José Saramago sob esse viés teórico foi notarmos, a partir da leitura de várias obras do escritor, que esses são pontos caros a ele, esses são temas que permeiam a existência humana e que aparecem de forma constante em sua obra.

No livro *José Saramago,* Ana Paula Arnaut menciona o poder como um dos principais temas do escritor:

> [...] Quando questionado por Carlos Reis sobre a relação dos escritores com o poder, Saramago imediatamente afirma que seu interesse está na questão do poder em si: 'A mim o que me preocupa é a questão do poder, não a relação que o escritor ou intelectual ou o artista tenha ou o obriguem a ter com o poder' (Reis 1998: 55). [...] Nisto José Saramago é muito semelhante a Günter Grass. Assumindo a questão do poder como tema central da obra de Saramago, talvez seja mais fácil compreender como esse tema é explorado com grande eficácia e economia, apesar de uma aparente redundância de estilo [...] (ARNAUT, 2008, p. 181)

Partindo deste princípio, a ideia é pensarmos a resistência das personagens frente às relações de poder, uma resistência sendo dobra da própria força, uma relação de si para consigo buscando a subjetivação diante do processo de individualização que o poder dominante impõe. Analisaremos a resistência às relações de poder dentro de um diagrama em um determinado período histórico. A força de cada personagem dobrando-se para si mesma diante de outras relações de poder, criando estilos de vida que desviam da sujeição e individualização que, por vezes, o poder estabelece. Pensaremos uma dobra frente aos códigos e aos poderes dominantes em duas formações históricas distintas: a Idade Clássica e a lógica de Soberania, e a Idade Moderna e o dispositivo disciplinar, a partir do pensamento sobre poder de Foucault.

Notamos que podemos relacionar alguns pontos de contato entre José Saramago e Michel Foucault: um desses pontos é que ambos pensaram em trazer luz e voz aos "homens infames" ou, também, aos homens sem fama, que nunca foram mencionados nos livros, mas que também fizeram parte da mola geradora da história. Homens que, de alguma forma, resistiram às forças do poder dominante e movimentaram os diagramas de poder. Foi através de arquivos que Foucault desenvolveu seus estudos, pode ter sido pensando nos homens de documentos históricos e arquivos que Saramago criou suas personagens.

Teresa Cristina Cerdeira, na sua tese sobre a obra de Saramago, revela a temporada que o escritor passou no Alentejo para escrever *Levantado do Chão.* "Tudo o que pode evocar o passado é documento digno de análise. (...) A busca destes documentos justifica, por exemplo, a permanência de José Saramago no Alentejo, num tempo anterior à elaboração do romance." (SILVA, 1989, p.196)

Em relação ao livro *Memorial do Convento*, Ana Paula Arnaut escreve:

> (...) é possível encontrar diversos registros/depoimentos que corroboram a existência, também no reinado do Magnânimo D. João V, de uma mulher (de nome Pedegache) muito semelhante à Blimunda.(...) E também, num desses registros de Charles Frederic de Merveilleux apresenta parte de um cenário muito semelhante a alguns aspectos que José Saramago descreve a propósito da Quaresma. (ARNAUT, 2008 p.33)

Além deste possível ponto em comum, os mesmos autores falam de relações de poder microfísicas em uma determinada formação histórica. Foucault, em *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade volume 1*, volta seus estudos sobre o poder para duas epistemes históricas: a episteme Clássica e a Moderna. Saramago escreve as duas obras que formam o *corpus* de análise deste estudo, situando-as dentro destes dois períodos: *Memorial do Convento* insere-se na episteme Clássica e *Levantado do Chão* insere-se na episteme Moderna. Assim, temos as relações de poder em um determinado contexto histórico e a resistência das personagens em questão diante destas forças.

As narrativas traçadas por Saramago, bem como as personagens de suas obras poderiam ter surgido daqueles mesmos arquivos que passaram pelas mãos de Foucault e que o inspiraram a escrever "A Vida dos Homens Infames". Arquivos que traziam visibilidade a vidas que nunca falaram e foram vistas, a não ser no momento em que resistiram. Histórias de degredados, de hereges, de presos, de pobres, de pessoas que construíram e modificaram a história em algum mínimo ponto, pois resistiram, dobraram-se frente aos códigos institucionais. Vidas que afetando, sendo afetadas e resistindo agitaram os diagramas formando nós de resistência, gerando mudanças no rumo das forças.

Em muitas das obras de José Saramago, as personagens protagonistas são resistência frente a essas forças controladoras. Personagens que representam os homens invisíveis e sem voz ao longo dos séculos: súditos, camponeses, trabalhadores servis, os marginalizados. Estas personagens representam as forças que foram ignoradas ao longo da história, mas que nas obras do escritor, se dobram e resistem ao poder institucional criando estilos de vida frente à individualização imposta pelo mesmo. O autor recria fatos históricos e personagens que identificamos em algum tempo/espaço, e seus protagonistas são potências que bem poderiam ter existido, mas que ficaram esquecidos e anônimos.

Analisaremos as condições de vida criadas por Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo diante das relações de força nos diagramas históricos. Como tais personagens tangenciam os diagramas de poder, dobrando-se para ou sobre si frente às forças que afetam os corpos e os controlam com suas verdades.

Os dois livros em questão, *Memorial do Convento* e *Levantado do Chão,* abordam os exercícios e as relações de poder em diferentes formações históricas, bem como a microfísica do poder: relações de forças difusas de personagens de diversas esferas sociais, não os grandes homens do poder mas, sobretudo, os poderosos anônimos da história que resistiram em algum aspecto às forças dominantes.

Assim esse estudo seguirá á lógica de poder de Michel Foucault que propôs pensar essas relações de força de outra maneira, já não mais sob a lógica do poder apenas em forma de instituição, mas o poder proveniente de todos os lugares sendo ativado por pontos e nós de resistência.

1 **MICROFÍSICA DO PODER: AS MÚLTIPLAS FORMAS DO PODER**

> [...] a força não está nunca no singular, ela tem como característica essencial estar em relação com outras forças, de forma que toda força já é relação, isto é, poder: a força não tem objeto e nem sujeito a não ser a força.*Gilles Deleuze*

Em seus escritos sobre o tema, Michel Foucault sugere que o poder é uma correlação de forças. Para ele, o poder é múltiplo, não está localizado em um só lugar e sim, se origina de vários pontos. Em um diagrama histórico, há relações de forças que se cruzam, se entrecortam e se movimentam dando origem às características de um determinado tempo, como veremos a seguir.

1.1 **O Lugar do poder**

O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provem de todos os lugares.*Michel Foucault* Para analisarmos as relações de poder e resistência nas obras saramaguianas, que são objetos de estudo deste trabalho, seguiremos o conceito de poder e resistência pensado por Michel Foucault. Para o filósofo, o poder não se exerce de um único foco, como, por exemplo, o poder do Estado, ele o pensa de outra forma. Foucault pensa o poder não como algo que se detém, mas sim como relações de forças provenientes de diversos espaços dentro de uma determinada época histórica.

Roberto Machado reuniu diversos artigos de Michel Foucault sobre poder. Na introdução dessa organização intitulada *Microfísica do Poder*, Machado percorre a trajetória do pensamento de Foucault e apresenta os três momentos deste percurso sendo eles: o saber, o poder e o cuidado de si. Sobre poder Machado escreve:

> Estudando a formação histórica das sociedades capitalistas, através de pesquisas precisas e minuciosas sobre o nascimento da instituição carcerária e a constituição do dispositivo de sexualidade, Foucault, a partir de uma evidência fornecida pelo próprio material de pesquisa, viu delinear-se claramente uma não sinonímia entre Estado e poder. (FOUCAULT, 2015, p.13)

Machado explica que, segundo Foucault, as condições de possibilidades para o surgimento de saberes diversos em cada momento histórico, como por exemplo a Medicina ou Psiquiatria, evidenciam uma não articulação direta do Estado mas sim uma articulação com poderes locais que podem sim se articular com o Estado ajudando-o e transformando seu funcionamento, mas não necessariamente surgindo dele. O Estado não é o órgão único de poder e as múltiplas formas de poder existentes independem dele, não são um prolongamento de sua força.

De acordo com o filosofo francês, o poder provém de todos os cantos e se espalha em um diagrama de forças fazendo com que este diagrama se movimente e se transforme continuamente. Para ele o poder é

> [...] multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT: 2017, p.101)

Foucault considera o poder como uma multiplicidade de forças instáveis e difusas em um diagrama que constantemente se agrupam, reagrupam, se contradizem, se estabilizam e desestabilizam causando transformações nas esferas sociais. Ele sugere que o poder não está localizado em nenhum ponto especifico da sociedade, mas sim espalhados pelo diagrama movimentando-o. Essas forças só se estabilizam quando, em determinadas condições e períodos, ganham visibilidades e enunciados que propagam e difundem as verdades do poder, fazendo-o ver e falar. Existe uma condição de possibilidade para que tome forma e torne seu exercício inteligível em todas as esferas sociais. Analisando a obra de Foucault, Deleuze escreve:

> No entanto, aparentemente as condições reais da repetição são bastante estritas. É preciso que haja o mesmo espaço de distribuição, a mesma repartição de singularidades, a mesma ordem de locais e de posições, a mesma relação com um meio instituído: tudo isso forma para o enunciado uma “materialidade” que o faz repetível. (DELEUZE: 2013, p.22)

Sendo assim, como afirma Deleuze, para que as forças se estabilizem e construam enunciados e verdades, é preciso que ganhem uma “materialidade”; essa materialidade virá a partir da institucionalização das forças difusas que surgem e se repetem em diferentes pontos de um diagrama e são absorvidas pela força do Estado ou por uma força dominante.

O poder desliza em um diagrama onde entrecruzam forças que resistem e que formam nós de resistência, movimentando, desestabilizando e gerando mudanças e novas estratégias ao poder. As relações de força e toda essa heterogeneidade induzem o emprego de

mecanismos de Estado instituindo um poder localizado, apesar de o poder estar em toda a parte e surgir de todos os lugares. No livro *Foucault*, onde Gilles Deleuze analisa o percurso da obra do filósofo ele escreve:

> [...] os centros difusos de poder, não existem sem pontos de resistência que têm de alguma forma, o primado, - e, que o poder, ao tomar como objetivo a vida, revela, suscita uma vida que resiste ao poder - e, enfim, que a força do lado de fora e que não para de subverter, de derrubar diagramas. (DELEUZE, 2013, p.101)

Foucault considera o poder através de suas forças difusas e seus nós de resistência acreditando ser a resistência fonte primeira que propulsiona estratégias de criação de mecanismos ao poder controlador. Frente aos códigos do poder institucionalizados, há um sujeito que resiste, luta, cria seu próprio estilo de vida, tangencia a forma de poder dominante. Na introdução de *Microfísica do Poder*, Roberto Machado registra:

> Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (FOUCAULT, 2015, p.18)

As relações de poder não emanam de um único ponto, mas de diferentes pontos e com formas distintas, a partir de focos de resistências, materializando saberes e instituindo verdades que muitas vezes são absorvidas e servem ao poder dominante. Ainda analisando poder sob a ótica de Foucault, Machado relata:

> Poder esse que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo - e que se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder. (FOUCAULT, 2015, p.14)

O poder propaga um discurso dominante que incide sobre os corpos e que toda a sociedade em todo lugar e toda época constrói, fazendo produzir, incitar, induzir, agrupando singularidades através de meios de sujeição, criando um conjunto perceptivo, que irá se disseminar em visibilidades e enunciados.

Para cada período histórico temos um diagrama de forças distinto que contém saberes e verdades inerentes e possíveis para sua época. Segundo Deleuze,

> Poder-se-ia crer, à primeira vista, que o diagrama é monopólio das sociedades modernas: Vigiar e Punir analisa o diagrama disciplinar como sendo o que substitui os efeitos da antiga soberania por um enquadramento imanente ao campo social. Mas não é nada disso, cada formação histórica estratificada é que remete a um diagrama de forças com seu lado de fora. Nossas sociedades disciplinares passam por categorias de poder (ações sobre as ações) que podem ser definidas assim: impor uma tarefa qualquer ou produzir um efeito útil, controlar uma população qualquer ou gerir a vida. Mas as antigas sociedades de soberania se definiam por outras

> categorias igualmente diagramáticas: confiscar (ações de se apropriar de ações ou produtos, força de confiscar forças) ou decidir a morte [...] (DELEUZE, 2013, p.91)

Analisando a Idade Clássica, o diagrama de soberania tinha como força central a figura do rei, que era quem decidia sobre todas as coisas. Era um poder dominante que pretendia ser visto, sua base de controle aos que resistiam à sua força (os hereges, os regicidas e todo um grupo de sujeitos que iam contra os códigos desse dispositivo) era o suplício ou o degredo e serviam de exemplos aos que tentavam dobrar suas forças. Já na Idade Moderna, o poder não almeja estar exposto, pretende ver sem ser visto, controlando os corpos a partir de leis e institucionalizações comportamentais. Um controle sobre a vida que não tenciona ser repressor, mas sim criar códigos de conduta capazes de controlar os corpos e torná-los úteis através da disciplina.

1.2 **As verdades instituídas pelo poder**

> Uma sociedade que instituiu como valores a perseguir esses que nós sabemos, o lucro, o êxito, o triunfo sobre o outro e todas essas coisas, essa sociedade coloca as pessoas numa situação em que acabam por pensar (se é que o dizem e não se limitam a agir) que todos os meios são bons para se atingir
> aquilo que se quer.
> *José Saramago*

A partir dessa fala de José Saramago, podemos pensar na sujeição que o poder impõe ao indivíduo. A verdade que permeia uma época é construída pelo e no discurso. A naturalização do discurso faz com que tudo seja evidente. O que vemos hoje nos parece natural, porém o que está diante de nós talvez não fosse aceito com naturalidade em outro período temporal. É no discurso que o poder se exerce e é através dele que se constroem verdades que sujeitam e dominam e, também, que se criam resistências capazes de sacudir os

diagramas de força. Em *A ordem do discurso*, texto pronunciado em 2 de dezembro em sua aula inaugural no Collège de France, Foucault propõe:

> Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2015, p.)

É através do discurso que verdades são institucionalizadas gerando um poder de dominação presentes nos diagramas históricos. “Existem muitos procedimentos de controle e de delimitação do discurso.” (FOUCAULT, 2015, p.89)

Em “A Ordem do discurso” Foucault indica que os discursos provêm de resistências e relações de poder e surgem aleatoriamente, não vêm de um único ponto, mas se entrecruzam, e havendo condições de possibilidade, eles se instauram tornando-se verdades instituídas que induzem determinados comportamentos ao homem. O enunciado efetua e atualiza as relações de força constantemente, ele une pontos singulares antes difusos. Determinado enunciado em choque com poder ganha visibilidade e torna-se dizível; por exemplo um “infame” que atenta contra a vida do rei, terá seu ponto de iluminação quando levado ao suplício, seu discurso ganhará visibilidade pelo menos naquele instante.

Os diagramas históricos por si só são instáveis e ganham estabilidade a partir de formações estratificadas: os saberes e as verdades que surgem em uma determinada formação histórica.

> As relações de poder são relações diferenciais que determinam singularidades (afetos). A atualização que as estabiliza, que as estratifica, é uma integração: operação que consiste em traçar “uma linha de força geral”, em concatenar as singularidades, alinhá-las, homogeneizá-las, colocá-las em séries, fazê-las convergir. Ainda assim, não há integração global imediatamente. O que há é uma multiplicidade de integrações locais, parciais cada uma em afinidade com tais relações, tais pontos singulares. Os fatores de integração, agentes de estratificação, constituem instituições: Estado – mas também a Família, a Religião, a Produção, O Mercado, a própria arte e a Moral... (DELEUZE, 2013, p.83)

Existem as relações de força (poder) a priori e elas só se realizam e se atualizam, usando as palavras de Deleuze, pela “curva-enunciado” e pelo “quadro-luz”, que são a materialização da multiplicidade de forças de um diagrama. O saber atualiza as relações de poder e as estratificam alinhando singularidades determinando individualizações para cada época que aparecem.

As práticas e exercícios de poder são mutáveis e a todo instante se cruzam e se realizam em diagramas estratificados e instituídos pelo discurso e pelo saber. As relações de força da Idade Clássica e Idade moderna se distinguem e se diferem, pois seus saberes só são

visíveis e dizíveis em suas respectivas formações históricas. Em *Vigiar e Punir*, Foucault relata:

> As disciplinas marcam o momento em que se efetua o que se poderia chamar a troca do eixo político da individualização. Nas sociedades de que o regime feudal é apenas um exemplo se pode dizer que a individualização é máxima do lado em que a soberania é exercida e nas regiões superiores do poder. Quanto mais o homem é detentor de poder ou de privilégio, tanto mais é marcado como indivíduo, por rituais, discursos, ou representações plásticas. [...] tudo isso constitui outro processo de individualização "ascendente". Num regime disciplinar, a individualização, ao contrário, é "descendente" à medida que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados; e por fiscalizações mais que por cerimônias, por observações mais que por relatos comemorativos, por medidas comparativa que têm a "norma" como referência, e não por genealogias que dão os ancestrais como pontos de referência; por "desvios" mais que por proezas. (FOUCAULT, 2017, p.188)

No dispositivo de soberania, temos saberes e discursos que fortalecem a figura do rei como poder dominante conferindo-lhe forças capazes de controlar indivíduos punindo-os caso não estivessem de acordo com a individualização inerente à época. No dispositivo disciplinar, o poder não tem intenção de ser visto, mas institucionaliza discursos de controle dos corpos tornando-os disciplinados e produtivos fazendo-os ser dóceis e úteis à sociedade.

> Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e constitua ao mesmo tempo relações de poder. (FOUCAULT, 2015, p. 31)

Os enunciados e discursos vão sendo criados a partir do encontro de diversas multiplicidades. Muitas vezes, os saberes que surgem em cada época não provêm da força do Estado, contudo os auxilia. "Famílias de enunciados que se entrecruzam trazendo uma `regularidade'" (DELEUZE, 2013, p.18). Os enunciados surgem em determinada época, em determinado espaço mas não há um sujeito que dita este enunciado. Eles surgem relacionados aos seus sujeitos, seus objetos e seus conceitos, mas não advêm deles, porém os condiciona determinando comportamentos específicos para o indivíduo de cada período histórico. Quando esse resiste à sujeição dessas forças, obriga o poder a criar novas estratégias e discursos de dominação. E, para que um enunciado seja proferido e ganhe visibilidade, é preciso que haja condições de possibilidade para sua enunciação.

> Poderíamos considerar, também, as séries de discurso que, nos séculos XVII e XVIII, referem-se à riqueza e à pobreza, à moeda, à produção, ao comércio. Trata-se, então, de conjuntos de enunciados muito heterogêneos, formulados pelos ricos e pelos pobres, pelos letrados e pelos ignorantes, protestantes ou católicos, oficiais do rei, comerciantes ou moralistas. Cada qual tem sua forma de regularidade, e igualmente seus sistemas de coerção. Nenhum deles prefigura exatamente essa outra forma de regularidade discursiva que tomará forma de uma disciplina e chamar-se-á "análise das riquezas", depois, "economia política". É, contudo, a partir deles que

> uma nova regularidade se formou, retomando ou excluindo, justificando ou descartando alguns de seus enunciados. (FOUCAULT, 2015, p.106)

Nos diagramas históricos não há segredos, existem coisas que a sociedade não vê, mas que estão visíveis, no entanto, necessitam de condições de possibilidades para ganharem visibilidade. O pensar de cada época é distinto e é necessário condições de possibilidade para que movimente o diagrama de forças e ganhe projeção em uma sociedade. Para isso, os saberes, carregados de suas verdades e discursos, são necessários "(...) na verdade, não há nada antes do saber, porque o saber, na nova conceituação de Foucault, define-se por suas combinações do visível e do enunciável próprias para cada estrato, para cada formação histórica." (DELEUZE, 2013, p. 60)

1.3 **Resistência: As dobras do poder que potencializam os homens**

Os pontos de resistência têm seu ápice nos
mecanismos de sujeição, reinventando-se a partir do
enfrentamento, escrevendo sua diferença sob a
linguagem do poder.
Rodrigo de Castro Orellana

Como vimos anteriormente, o poder produz, incita e promove a criação de indivíduos, que controlados pelas verdades do poder, agem em conformidade com suas forças dominantes. Mas assim como existem forças em conformidades com o poder, existem as que resistem. São essas forças que são capazes de transformar os diagramas históricos.

Deleuze, no livro *Foucault* defende, embasado nos estudos da obra de Michel Foucault, que é a partir da resistência que surgem as mudanças e que ela, ao cruzar com outras linhas de força movimenta os diagramas de poder, alterando-os. "[...] a última palavra do poder é que a resistência tem o primado [...]". (DELEUZE, 2013, p. 96)

Não há diagrama estável, em todo momento linhas de força, as quais Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs* nomearam de linha de segmentaridade, coexistem e não param de se mover. Essas linhas são classificadas em três tipos: uma linha de segmentaridade dura ou linha molar, que engloba as instituições de todos os tipos, (Estado, família, igreja, escola, prisão etc.); uma linha de segmentação maleável ou molecular, que ameaça desestabilizar um diagrama que se apresenta institucionalizado e, por fim, uma linha de fuga, que podemos

também chamar de linha de resistência, que tem a força de transformar um diagrama. “[...] as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 95). Essas três linhas coexistem em uma vida e em diagramas e são capazes de transformar verdades, discursos e destinos.

A linha molecular é o primeiro impulso para a linha de fuga, a linha de resistência que impele a criação. “Os movimentos moleculares não vêm mais completar, mas contrariar e furar a grande organização mundial.” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 94)

> Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma “evolução dos costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos, etc. Maio de 68 na França era molecular, e suas condições ainda mais perceptíveis do ponto de vista da macropolítica.(...) será preciso saber que camponeses, e em que regiões do Midi, começaram a não mais cumprimentar os proprietários da vizinhança; Um proprietário muito velho e ultrapassado pode avaliar as coisas, a esse respeito, melhor que um modernista. Maio de 68 é a mesma coisa: todos aqueles que julgavam em termos de macropolítica nada compreenderam do acontecimento, porque algo inassinalável escapava.(...) Um fluxo molecular escapava, minúsculo, no começo, depois aumentando sem deixar de ser assinalável... No entanto, o inverso também é verdadeiro: as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos. (DELEUZE; GUATTARI, 2007, pp.94, 95)

Deleuze e Guattari usam as manifestações de Maio de 68 na França para exemplificar a coexistência das linhas de segmentaridade em um diagrama. A sociedade, os indivíduos são cruzados por essas linhas que coexistem e sempre transitam entre si, se distinguem, porém se complementam e dependem umas das outras.

> Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. (DELEUZE; GUATTARI, 2007, P.83)

Segundo os filósofos Deleuze e Guattari, a todo instante somos afetados por linhas que habitam um diagrama. Somos segmentarizados binariamente, circularmente e linearmente. Binariamente através de divisões: homem e mulher, classes sociais etc; circularmente pelas nossas ocupações com tudo no mundo, e linearmente, em linhas retas que representam processos por que passamos e que começam e se encerram constantemente. Passamos sempre de um segmento a outro sacudindo os diagramas e alterando-os nos seus discursos e verdades.

O poder institucionalizado pelas verdades dos enunciados e discursos produz um modo de individualização. Por vezes, ele nos conduz a criar meios para despertar uma identidade perdida. Somos impelidos a dobrar as nossas forças frente ao poder de modo que

possamos criar meios de vida que nos livram da sujeição imposta pelo poder dominante. Os corpos que buscam esse ato de liberdade são corpos que resistem à força de sujeição que o poder impõe. As relações de poder esperam e exigem reações daqueles os quais afetam. Todavia, não são todos os indivíduos que respondem contrariamente às forças do poder, mas há sempre aqueles que procuram subjetivar-se diante dessas forças. Dobram seu poder e passam a ter uma relação consigo. Uma dobra da própria força capaz de sacudir o poder, de desestabilizá-lo num processo que Deleuze e Guattari chamam de descodificação e desterritorialização, ou seja, quebra dos códigos e territórios engendrados pelo poder dominante.

> [...] massas eclesiásticas tornando-se alvo de infiéis e hereges e se propondo objetivos cada vez mais desterritorializados, massas de camponeses deixando os domínios senhoriais, massas senhoriais tendo que encontrar elas próprias meios de exploração muito menos territoriais do que a servidão, massas urbanas separando-se do interior do país e encontrando nas cidades equipamentos cada vez menos territorializados; massas femininas desprendendo-se do antigo código passional e conjugal; massas monetárias deixando de ser objeto de entesouramento para injetar-se nos grandes circuitos comerciais. (DELEUZE, GUATTARI, 2007, p.100)

Para Deleuze e Guattari, essas linhas de fuga criadoras de novos meios de existência são pontos de resistência que fazem o poder se sobrecodificar e reterritorializar, criar novas saídas frente a esses focos de resistência no diagrama de forças institucionalizados.

> A tarefa do historiador é assinalar o período de coexistência ou de simultaneidade dos dois movimentos (de um lado, descodificação e desterritorialização e, de outro, sobrecodificação-reterritorialização) é nesse período que se distingue o aspecto molecular do aspecto molar: de um lado as massas ou fluxos, com suas mutações, seus quanta de desterritorialização, suas conexões, suas precipitações; de outro lado, as classes ou segmentos, com sua organização binária, sua ressonância, sua conjunção ou acumulação, sua linha de sobrecodificação em proveito de uma delas. (DELEUZE, GUATTARI, 2007, p.101)

A resistência às organizações binárias, ou seja, aos códigos e verdades das instituições, que estão presentes na linha de segmentaridade dura, são um processo de descodificação e desterritorialização que certamente implicarão em um movimento de sobrecodificação ou reterritorialização. As linhas de resistência fazem com que o poder reaja a essas forças e se transforme, alterando de algum modo o diagrama histórico.

Essas linhas de resistência, como já mencionamos, são linhas de criação e agem como dobras da própria força fazendo com que essas forças afetem a si mesmas, criando modos e estilos de vida, que são os modos de subjetivação.

> Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos “subjetivação”, no sentido de processo, e “Si”, no sentido de relação (relação a si). E do que se trata? Trata-se de uma relação de força consigo (ao passo que o poder era a relação de força com outras forças), trata-se de uma “dobra” da força. Segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de

> existência, ou de invenção de possibilidades de vida que também dizem respeito à morte, as nossas relações com a morte: não a existência como sujeito, mas como obra de arte. Trata-se de inventar modos de existência segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta se apropriar deles. Mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos. (DELEUZE, 2013, p.120)

As relações de poder operam sobre a ação dos indivíduos e são forma de condução de condutas. Contudo, o poder só existe onde há liberdade porque o sujeito livre pode resistir à sujeição que lhe é imposta. Por isso Foucault aposta na hipótese de que o poder não é somente repressivo. É preciso que haja liberdade para que se abra espaço para as forças de resistência, mas é claro nem todos os indivíduos se posicionam contra as forças do poder, pois isso acarreta insegurança. Agir de acordo com as verdades e códigos das instituições, ou seja, na linha de segmentaridade dura, transmite certa estabilidade e segurança. Já os corpos que resistem estão sujeitos a penalidades e reações, o poder se vê obrigado a reagir contra essas forças pois o poder é opressivo e repressivo onde não funciona bem.

> Os poderes e as resistências estão, portanto, disseminados em uma mesma rede de relações, apoiando-se e reativando-se mutuamente. A relação de poder encontra seu limite na existência da resistência, é o ponto de derrocada possível a partir do qual retrocede e se reconfigura. (ORELLANA, p. 8)

Como mencionamos anteriormente, as relações de poder se exercem em um campo de liberdade, por isso não podemos dizer que o poder é somente repressivo. Existe repressão onde o poder não consegue se exercer de fato, se há liberdade, há sempre a possibilidade de se transformar as coisas, e as transformações ocorrem onde há focos de resistência. “Já repeti cem vezes que a história dos últimos séculos nas sociedades ocidentais não mostrava a atuação de um poder essencialmente repressivo”. (FOUCAULT, 2017, p.89)

> A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas, e antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imantes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeia ou sistemas ao contrário, as defasagens que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 2017, pp. 100, 101)

Portanto, as forças de resistência que contrapõem os focos de poder são essenciais para a movimentação e manutenção dos diagramas históricos.

> E por mais que invoque pontos de resistência como contraposição aos focos de poder, de onde vêm essas resistências? Foucault se pergunta: como transpor a linha, como ultrapassar as próprias relações de força? Ou será que estamos condenados a um face a face com o Poder, seja detendo-o, seja estando submetidos a ele? É num

> dos textos mais violentos, e também mais cômicos de Foucault, sobre “o homem infame”. Foucault leva muito tempo para dar uma resposta. Transpor a linha de força, ultrapassar o poder, isto seria como que curvar a força, fazer com que ela mesma se afete. Em vez de afetar outras forças: uma “dobra”, segundo Foucault, uma relação de força consigo. (DELEUZE, 2013, p. 127)

Essa dobra ou relação de força consigo é o processo de subjetivação que nos guiará a analisarmos os modos de vida criados pela nossas personagens, Blimunda Sete-Luas inserida no diagrama de forças de soberania e João Mau-Tempo, que aparece inserido no dispositivo disciplinar. Essas personagens dobram suas forças resistindo às forças de sujeição que o poder de cada dispositivo histórico em questão produz.

2 **AS TRANSFORMAÇÕES NOS DIAGRAMAS DA IDADE CLÁSSICA E DA IDADE MODERNA**

> Ora, a história tem por tarefa dar nome
> àquilo que mudou, àquilo que foi abolido, que foi
> outro.
> *Paul Ricoeur*

Nos períodos históricos os quais Michel Foucault nomeia de Idade Clássica e Idade Moderna, há inúmeras diferenças entre as relações de força, os saberes, as verdades instituídas, os modos de governo, penalidades, comportamentos. Essas diferenças entre esses diagramas históricos é o que abordaremos a seguir.

2.1 **A Idade Clássica: Dispositivo de Soberania**

> Houve, durante a época Clássica, uma descoberta do
> corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos
> facilmente sinais dessa grande atenção dedicada
> então ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-
> se, treina-se que obedece, responde, torna-se hábil
> ou cujas forças se multiplicam.
> *Michel Foucault*

Na Episteme Clássica, o poder monárquico e a Igreja, ambos aparados por suas forças mutuamente, fundiram-se um diagrama de poder pautado na figura do Soberano. Esse dispositivo de Soberania carrega discursos e verdades que relacionados com diversas forças difusas instaura uma forma de poder institucionalizado. Já sabemos que o Estado Soberano não é a origem do poder, nós de resistências, oriundos de todos os lados, contribuem para a constituição de um poder local, amparados também por um discurso jurídico que instaura verdades.

No terceiro capítulo de *Microfísica do Poder* intitulado “Sobre Justiça Popular”, Foucault discorre sobre como o aparato jurídico, que surge na Idade Média baseado no direito romano, assegura o poder ao rei ao mesmo tempo que o limita. Nos Estados feudais, o aparelho judiciário era flexível, pouco centralizado. A partir dos Estados absolutistas, o poder soberano teve sua garantia judicialmente. “A partir de certa época, o sistema penal, que tinha essencialmente uma função fiscal na Idade Média, dedicou-se à luta antissediciosa” (FOUCAULT, 2015, p. 103)

Esse poder judiciário, ao mesmo tempo que assegurava o poder do rei, evitando que rebeldes atentassem contra ele, também o controlava evitando excessos do soberano. O aparato jurídico que surgiu a partir de Idade Média servia tanto para garantir a segurança do rei contra os que resistiam à sua força, quanto para controlá-lo, evitando excessos do monarca.

> A teoria do direito, da Idade Média em diante, tem essencialmente o papel de fixar a legitimidade do poder; isto é, o problema maior em torno do qual se organiza toda a teoria do direito é o da soberania. Afirmar que a soberania é o problema central do direito nas sociedades ocidentais implica, no fundo, dizer que o discurso e a técnica do direito tiveram basicamente a função de dissolver o fato da dominação dentro do poder para, em seu lugar fazer aparecer as duas coisas: por um lado os direitos legítimos da soberania, por outro, a obrigação legal da obediência. (FOUCAULT, 2015, p.281)

O poder soberano assegurado pelo judiciário garantia um controle da revoltas populares. “A repressão da revoltas populares tinha sido, até então, sobretudo tarefa militar. Foi em seguida assegurada, ou melhor, prevenida por um complexo justiça-polícia-prisão.” (FOUCAULT). O discurso jurídico legitima o poder da monarquia ao mesmo tempo que o restringe limitando-o. Mas por vezes, o monarca suspende o ordenamento jurídico e instaura o estado de exceção, ultrapassando as leis. O aparato jurídico não é como o poder se exerce, mas os códigos que ele apresenta, prescreve e como constrói suas verdades.

> O paradoxo da soberania se anuncia: “o soberano está, ao mesmo tempo dentro e fora do ordenamento jurídico.” Se o soberano é, de fato, aquele no qual o ordenamento jurídico reconhece o poder de proclamar o estado de exceção e de suspender deste modo a validade do ordenamento, então “ele permanece fora do ordenamento político e, todavia, pertence a este, porque cabe a ele decidir se a constituição *in toto* pode ser suspensa [...] (AGAMBEM, Giorgio, 2007, p. 23)

No dispositivo de soberania, o poder se faz ver através do monarca, que exerce sua força fazendo-se ver, se manifestando, e aqueles sobre os quais o poder é exercido ficam esquecidos e só ganham visibilidade e voz quando de alguma maneira esbarram com o poder resistindo a ele. A esses indivíduos que resistiam às suas forças, o poder tinha o direito de tirar-lhes a vida. “O direito de vida e morte, como é formulado nos teóricos clássicos é uma forma bem atenuada desse poder.” (FOUCAULT, 2017, p.145). O poder disciplinar, ao

contrário, torna-se invisível e em vigilância constante mantendo o sujeito sempre em atitude disciplinar e dócil.

Na Idade Clássica, o poder soberano exerce forças dominantes diante de diversas outras forças difusas de poder que coexistem mutuamente. Os enunciados desse diagrama constituem um conjunto perceptivo dentro dessa formação histórica. Para um monarca ser aceito pelos súditos como o soberano maior, um discurso foi criado, sustentado por leis e forças jurídicas, transformando tal conceito em verdade. Mas, para isso, uma condição para que tal discurso se proliferasse deveria existir, uma condição de enunciação. Por anos o poder do rei era de origem divina e isso era tido como uma verdade suprema.

Como já foi dito, a forma de dominação do poder soberano era fazer-se ver e mostrar-se determinando sua força sobre os demais micropoderes. Através da punição e do suplício, sociedades eram, de certo modo, sujeitas a viver conforme os dogmas instituídos pelas forças dominantes, O soberano e a Igreja. Foucault demonstra que o despotismo do rei não vai apenas de alto a baixo mas, muitas vezes, atendendo a solicitações dos humildes o monarca condena os infames servindo de instrumento imanente que regula os conflitos pessoais.

Foucault diz, como vimos anteriormente, que o poder só é repressivo quando não funciona bem, assim temos indivíduos que resistem ao poder do monarca e da Igreja Católica: os regicidas, os hereges, os que criam os movimentos de sedição exigindo do rei uma reação. O poder dominante lhes impunha punições severas para que eles pudessem servir de exemplo aos outros súditos, para que eles não resistissem e nem atentassem contra o poder do rei. Mas, como vimos também, o poder não é só repressivo, ele faz falar; antes de reprimir produz sujeitos que ao resistirem a alguma institucionalização sacodem os diagramas, pois para todas as relações de poder há resistência. É a partir desses nós de resistência que os diagramas passam a ser outros, constituindo novos discursos, enunciados e novas verdades. Sendo assim, do dispositivo de soberania passamos à Idade Moderna e sua nova forma de controle, o dispositivo disciplinar.

2.2 **A Idade Moderna e dispositivo disciplinar**

Na Idade Moderna, as relações de poder se modificam. O poder já não mais se faz ver, mas observa e analisa com intenção de agir e controlar. Há uma nova forma de controle sobre os corpos, que já não mais precisam ser punidos em suplício, neles são praticadas novas

técnicas de controle e sujeição das quais temos a disciplina e a manutenção de corpos dóceis para serem preparados para o trabalho.

> Talvez seja possível fazer corresponder os grandes regimes punitivos a sistemas de produção: os mecanismos disciplinares, especialmente, não são separáveis do crescimento demográfico do século XVIII e o crescimento de uma produção que visa a aumentar o rendimento, a compor as forças, a extrair dos corpos toda a força útil. (DELEUZE, 2013, p.36)

Os mecanismos disciplinares surgem para controle e manutenção dos corpos, o poder incide sobra a vida e a controla para que esses corpos tenham uma utilidade nesse novo diagrama de forças.

> Uma relação de forças é uma função do tipo "incitar, suscitar, combinar...". No caso das sociedades disciplinares, dir-se-á: repartir, colocar em série, compor, normalizar. A lista é indefinida, variável conforme o caso. O poder "produz realidade" antes de reprimir. E também produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou mascarar. (DELEUZE, 2013, p.38)

Na Idade Moderna, o aparato jurídico permite um controle dos corpos, instituindo e classificando crimes passíveis de punição. Deleuze, a partir da obra *Vigiar e Punir*, de Foucault, escreve:

> A lei é uma gestão dos ilegalismos, permitindo uns, tornando-os possíveis ou inventando-os como privilégio da classe dominante, tolerando outros como compensação às classes dominadas, ou mesmo, fazendo-os servir à classe dominante, finalmente, proibindo, isolando e tomando outros como objeto, mas também como meio de dominação. (DELEUZE, 2013, p.39)

A lei instituía o que era passível de crime listando atos comportamentais ora aceitos pela sociedade como atos criminosos e outras ações tidas antes como proibidas e criminosas que se tornaram aceitáveis pela sociedade. Isso tudo dependendo das condições de possibilidade que essa época lhes garantia, o que era possível de ser visto e dito, determinados por novos saberes, nesse diagrama histórico. "O direito penal atravessa uma evolução que faz com que ele passe a enunciar os crimes e os castigos em função de uma defesa as sociedades (não mais de uma vingança ou uma reparação do soberano)". (DELEUZE, 2013, p.41)

Os homens ganham visibilidade e voz como forma de controle dos corpos, "No começo do século XIX, as massas e populações se tornam visíveis, vêm à luz". (DELEUZE, 2013, p.42) Punir, assim como cuidar, disciplinar, educar, fazer trabalhar são funções que se tornaram formalizadas a partir do final do século XVIII.

> [...] todo diagrama é intersocial, e em devir. Ele nunca age para representar um mundo preexistente, ele produz um novo tipo de realidade, um novo modelo de verdade. Não é sujeito da história nem a supera. Faz a história desfazendo as realidades e as significações anteriores formando um número equivalente de pontos de emergência ou de criatividade, de conjunções inesperadas, de improváveis continuuns. Ele duplica a história como um devir. (DELEUZE, 2013, p.45)

Assim, da Idade Clássica à Idade Moderna as relações de poder tiveram uma nova configuração. “No fim do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa da punição vai-se extinguindo.” (FOUCAULT, 2015, p.13). Houve a suspensão do espetáculo punitivo que aos poucos foi sendo substituído por outro tipo de punição, mais velado. A justiça não mais exerce a violência para demonstração de força e poder, agora, as punições são outras, como por exemplo, a condenação ao cárcere. Por ser condenado à prisão, o indivíduo já carrega uma marca negativa que o acompanhará dentro da esfera social e o estigmatizará. Com isso, indivíduos tendem a andar em conformidade com a lei para que não sejam penalizados. O essencial não é mais punir, mas sim educar, corrigir, “curar” o indivíduo criminoso.

Embora haja penas físicas, como a reclusão, a prisão com trabalhos forçados, esses já não são mais idênticos ao castigo do corpo, tal qual era o suplício na sociedade de soberania. Quase sem tocar o corpo, a prisão suprime a liberdade, essa perda de liberdade torna-se o castigo punitivo. O condenado não será mais visto, mas sim anulado e excluído o que Foucault chama de sociedade punitiva.

> Uma das ideias essenciais de Vigiar e Punir é que as sociedades modernas possam ser definidas como sociedades “disciplinares”, mas a disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo. (DELEUZE, 2013, p.35)

Houve uma redução do suplício, mas não uma extinção da prática, pois em alguns casos cometia-se a prática da tortura. A prisão também tem seus instrumentos de sofrimentos, contudo bem diferentes do suplício.

> Sob a suavidade ampliada dos castigos, podemos então verificar um deslocamento de seu ponto de aplicação; e através desse deslocamento, todo um campo de objetos recentes, todo um novo regime da verdade e uma quantidade de papéis até então inéditos no exercício da justiça criminal. Um saber, técnicas, discursos “científicos” se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir. (FOUCAULT, 2015, p. 26)

Os métodos punitivos se metamorfosearam de acordo com as novas verdades, saberes e com as condições de possibilidade dessa época. É sobre o corpo que o poder se incide na tentativa de torná-lo útil ao novo sistema.

> [...] os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. (FOUCAULT, 2015, p. 29)

Os corpos agora são úteis ao sistema capitalista como força de trabalho produtivo e devem estar sujeitos às novas relações de força, caso resistam a essas forças, outras formas de punição lhes serão aplicadas.

> Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político, as relações de poder tem alcance imediato sobre ele, elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação: mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produto e corpo submisso. (FOUCAULT, 2015, p. 29)

Como sabemos, para cada relação de força temos uma resistência, mas como se singularizar dentro de uma formação histórica que a todo instante determina saberes e verdades capazes de criar um sistema que nos controlam e assujeitam? Bem, a maneira de vermos o mundo tem a ver com as práticas do mundo, portanto, quando mudamos a prática, mudamos a maneira como encaramos o mundo. Singularizar-se em meio a determinadas relações de força é pensar e resistir, criar uma força de vida mais ativa, afirmativa, uma prática de si e por si, ou seja, resistir é um ato de desprendimento do sujeito. “Finalmente, não são unívocas; definem inúmeros pontos de luta, focos de instabilidade comportando cada um de seus riscos de conflito, de lutas e de inversão pelo menos transitória da relação de forças”. (FOUCAULT, 2015, p. 30)

Agora, partindo desse *corpus* teórico apresentado, discorreremos sobre as obras *Memorial do Convento* e *Levantado do Chão* de José Saramago, pensando nas suas escolhas por revisitar a história, por criar personagens essencialmente simples que fazem parte do rol de pessoas que a história não escolhe contar e que resistem às forças de sujeição que o poder cria através das verdades, enunciados e saberes.

3 **JOSÉ SARAMAGO, CONTANDO DE OUTRA MANEIRA**

Em 10 de dezembro de 1998, data em que se completavam os cinquenta anos da assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao discursar durante o banquete do Prêmio Nobel, José Saramago fez algumas afirmações, dentre elas:

> Neste meio século não parece que os governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante. Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. (josesaramago.org[1])

Com facilidade percebe-se que esta temática da injustiça social, da exploração do homem pelo homem perpassaram sempre tudo o quanto o autor português empreendeu ao longo da extensa obra que nos legou, tendo marcado sua fala durante o recebimento dum prêmio da importância do Nobel.

Não por acaso, este discurso se inicia com um reconhecimento àqueles que o educaram, eles mesmos parte destes excluídos e explorados pelo sistema, como podemos perceber:

> O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia, Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo. (Idem)

Conhecido pelas opiniões fortes e polêmicas, é justo também observar a coerência das opiniões de José Saramago, para quem outro mundo era possível de ser construído. E não devemos nos esquecer que sonhar, pensar e planejar são passos fundamentais para a construção. Tendo as letras como um campo de manobras, o autor reconhece o que já se via em suas obras, ou seja:

> Muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre este meu avô Jerónimo e esta minha avó Josefa (faltou-me dizer que ela tinha sido, no dizer de quantos a conheceram quando rapariga, de uma formosura invulgar), tive consciência de que estava a transformar as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literárias e que essa era, provavelmente, a maneira de não os esquecer, desenhando e tornando a desenhar os seus rostos com o lápis sempre cambiante da recordação, colorindo e iluminando a monotonia de um quotidiano baço e sem horizontes, como

[1] https://www.josesaramago.org/discurso-pronunciado-por-jose-saramago-no-dia-10-de-dezembro-de-1998-no-banquete-premio-nobel/

> quem vai recriando, por cima do instável mapa da memória, a irrealidade sobrenatural do país em que decidiu passar a viver.

3.1 **A História revisitada na obra de José Saramago**

> Claro que não esqueço que o mesmo historiador sempre fará, ele próprio, outras viagens ao tempo por onde antes viajara, esse tempo que por sua intervenção deixara de ser informe, que passara a ser História, e que, graças a visões novas, a novos pontos de vista, a novas interpretações, irá tornando sucessivamente mais densa a imagem histórica que do passado nos vinha dando. Restará sempre, contudo, uma grande zona de obscuridade, e é aí, segundo entendo, que o romancista tem seu campo de trabalho.
>
> *Ana Paula Arnaut*

Os romances de José Saramago que buscam uma intertextualidade com a história tradicional canônica jamais podem ser confundidos com um romance histórico tradicional. Diferente dos romances históricos tradicionais, os romances de José Saramago, que se furtam a usar a História como pano de fundo para sua ficção, não pretendem ser fiéis à realidade histórica, e nem tencionam ser uma reprodução dos fatos históricos. A respeito da diferença entre os romances históricos e os romances de José Saramago que têm a História como cenário, Ana Paula Arnaut diz:

> Ao contrário do romance histórico tradicional (cujos intuitos moralizantes e pedagógicos e didácticos se prendiam com a concepção de que o passado deveria ser ressuscitado com o intuito de dar uma lição ao presente), o que a ficção histórica post-modernista inscreve é uma nova moral e uma nova pedagogia que chamam a atenção para a parcialidade do conhecimento histórico. Levantando o véu da suspeição sobre o que a História diz ter acontecido, valida-se, em consequência, a hipótese de as coisas poderem muito bem ter sido como o(s) romance(s) as re-apresentam. (ARNAUT, 2008, p. 32)

É na linguagem e pela linguagem que os fatos são reescritos e as personagens criadas. Os acontecimentos históricos escolhidos pelo autor são contados de forma bastante original e o narrador, por vezes, vem lembrar que tudo o que é por ele narrado e recontado não passa de

ficção. “Mas tudo isso pode ser contado doutra maneira” (SARAMAGO, 2013, p. 14) como deixa claro o narrador de *Levantado do Chão*, ou como em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* que ele diz “é tudo papel e tinta, mais nada” (Idem, 2013, p. 13).

O caráter metaficcional das obras confere às narrativas características de romances post-modernistas, uma vez que o autor revisita a história, já não pelo viés da verdade canônica, mas de verdades outras que poderiam ter acontecido. Além do mais, nos romances de Saramago temos um narrador que conta a história com certo desengano, com uma distância, abdicando do seu poder de onisciência: ele conta o que vê, todavia não sabe de tudo. Conforme Arnaut:

> Assim, no âmbito de uma nova concepção de romance post-modernista, apesar de, como já dissemos, as objectividades apresentadas permitem observar a manutenção de linhas de recognoscibilidade, a verdade é que, pelo recurso a diversos procedimentos metaficcionais, o leitor é constantemente alertado para a presença de uma entidade que, de modo ousado e tantas vezes paródico (ver *infra* Cap.6, Paródia), assume a manipulação dos fatos exibidos, isto é, dá contado modo como se constrói a história e, por extrapolação lógica, no caso do subgênero romance histórico, a História. (ARNAUT, 2008, p.31)

Por serem metaficcionais, esses romances não podem ser chamados de históricos, e nem tenciona o autor que os sejam. É de forma intencional que ele seleciona fatos históricos como forma de reclamar ou chamar à presença de determinados fatos. Acerca desse assunto, em conversa com Carlos Reis, Saramago responde o seguinte:

> Creio que a História não pode ser corrigida, que não pode ser reescrita infinitamente, até porque cada reescrita supostamente acrescenta algo que não se sabia ou que se sabia, mas que se está a interpretar de uma maneira distinta. Talvez eu pensasse mais numa espécie de reivindicação ou ato de chamar a presença... (REIS, 2018, p.76)

Assim como tais romances apresentam traços do post-modernismo, podemos perceber que também apresentam nuances neorrealistas, uma vez que ao escolher os “heróis” a serem narrados, eles já não são mais homens fortes e que provêm de classes dominantes, mas sim são personagens que representam o povo e seus sofrimentos, heróis que enfrentam e resistem às forças de poder que os assujeitam. Sobre isto, Maria Lúcia Wiltshire afirma que:

> O herói neorrealista não pertence à classe social dominante, pelo contrário, ele é o operário, o pescador, o ceifeiro, os barqueiros, os vinhateiros, os comerciários, enfim, o trabalhador explorado pelo patrão do qual depende. Diversamente do tratamento que recebia das narrativas clássicas (Homero) e da Antiguidade tardia romanas (historiografia de Amiano), o homem do povo ganha sublimidade como um novo Cristo sacrificado pelos algozes. Não aparece como um caráter singular pois seu valor na economia narrativa é metonímico, exercendo o papel de representante de uma comunidade. Sua ação não se dá pelas armas nem pela pena, mas pelo trabalho árduo. (OLIVEIRA, 2010, p.54)

Em diálogo com Carlos Reis, ao ser perguntado sobre a relação entre História, tempo e passado, Saramago responde que para ele não existe presente, o que há é uma sucessão de acontecimentos e que não podem ser apreendidos e nem captados em sua amplitude; ele relaciona metaforicamente o tempo como uma tela gigante onde "tudo está projetado (o que a História conta e o que a História não conta)" (REIS, 2018, p.72)

Esta lacuna na "grande tela", onde há coisas que a História não conta, é que abre espaço para a criação ficcional. E o que a História conta ou deixa de contar está relacionado com as escolhas do historiador, com a objetividade dos fatos, mas também com a subjetividade de quem os contam. Paul Ricouer, em *História e Verdade*, fala sobre as escolhas do historiador ao narrar os fatos históricos.

> Refere-se o primeiro traço à noção de opção histórica; de modo algum lhes exaurimos o sentido ao dizer que o historiador opta pela própria racionalidade da história. Essa opção da racionalidade acarreta outra opção, no próprio trabalho do historiador; tal outro tipo de opção se vincula àquilo que se poderia chamar o julgamento de importância, tal como ele preside à seleção dos eventos e fatores. A história através do historiador não tem, não analisa nem encadeia senão os eventos de importância. É aqui que subjetividade do historiador intervém em um sentido original em relação ao do físico, sob a forma de esquemas interpretativos. É aqui, por conseguinte, que a qualidade daquele que perscruta é importante para a própria seleção dos documentos a perscrutar Melhor ainda, é o julgamento de importância que, pela eliminação do acessório, cria a continuidade: é o vivido que é descosido, lacerado pela insignificância; é a narrativa que se mostra encadeada, carreada de significação graças a continuidade. (RICOEUR, 1968, pp. 28, 29)

Ricoeur acredita que a história é escrita a partir de documentos selecionados levando em conta um caráter de subjetividade do historiador, que avalia tais documentos partindo de um julgamento de importância. Sendo assim, a história não será contada em sua totalidade, mas seguindo critérios criados pelo próprio historiador.

A história que nos é contada retrata uma parte da história da humanidade muitas vezes ou, quase sempre, sob a ótica do poder dominante. Quando um homem comum passa a ser visível e dizível no papel da história, muitas vezes esse homem tem um papel de resistência dentro desses acontecimentos históricos. O que Foucault chama de "homens infames", aqueles que de alguma forma atentaram contra o poder, seja de forma sediciosa, através de lutas, ou até mesmo, consideradas criminosas pelos olhos do poder. Segundo Ricoeur:

> Reconstituir um acontecimento ou uma série de acontecimentos, ou uma situação, ou uma instituição, com base nos documentos, é elaborar uma conduta de objetividade de tipo próprio, mas irrecusável, pois essa reconstituição supõe que o documento seja perscrutado, obrigado a falar; que o historiador vá ao encontro de seu sentido, arremessando-lhe uma hipótese de trabalho; é essa pesquisa que simultaneamente eleva o vestígio à dignidade de documento significativo, e eleva o próprio passado à dignidade de fato histórico. (RICOEUR, 1968, pp.25,26)

Sendo assim, o que passa a ser História vem de arquivos, documentos, selecionados pelo historiador e que de forma alguma abrange a história em sua totalidade. Esses documentos trazem a objetividade dos fatos que no julgamento do historiador, de forma subjetiva, são selecionados dando o fio construtor da história. Mas, isso faz com que a grande tela, como fala Saramago, fique cheia de lacunas pois, além das vidas contadas a partir dos documentos, existem outras histórias que não entraram no julgamento de importância de quem as selecionou. Entendimento semelhante ao de Ricoeur, como vemos abaixo:

> De forma nenhuma "concepção ordenadora" abarcará toda a história: uma época é ainda um produto de análise; a história jamais apresentará à nossa compreensão senão partes totais (para falar como Leibniz), isto é sínteses analíticas (para retomar uma expressão audaciosa da Dedução transcendental de Kant). (RICOEUR, 1968, p. 27)

Ana Paula Arnaut também aborda as escolhas que o historiador faz revelando o caráter de subjetividade da história, ainda que ela parta de fatos e acontecimentos objetivos. Para autora a história é contada em partes e segue a lógica de seleção do historiador.

> Parece indiscutível que o historiador tem de ser, em todos os casos, um escolhedor de factos. Mas cremos ser igualmente pacífico que, ao escolher, abandona deliberadamente um número indeterminado de dado, em nome de razões de classe ou de Estado, ou de natureza politica conjuntural, ou ainda em função e por causa das conveniências de uma estratégia ideológica que necessite para justificar, não da História, mas duma História. (...) o historiador surge como criador de um mundo outro, ele é aquele que vai decidir o que do passado é importante e o que do passado não merece atenção. (ARNAUT, 2008, p.80)

Com isso, a história nos deixa lacunas, muitos acontecimentos que não foram selecionados pelo historiador deixam de existir porque ficam esquecidos no tempo, não são inscritos na grande tela. Essas escolhas do historiador para preencher a história dos homens na "tela gigante" podemos relacionar à fala de Saramago, que diz que a "história é parcial e parcelar"; é parcelar, pois "não pode narrar tudo, não pode explicar tudo, não pode falar de toda gente" (REIS, 2018, p.72) e, é parcial pois é orientada e ideológica. Aí voltamos ao que Ricoeur diz sobre a subjetividade em narrar os fatos.

O que se tem na História que nos é passada é quase sempre o lado do poder dominante, do que tem mais voz por exercer um poder sobre outras forças de um diagrama, forças essas que apesar de serem maioria, se veem como minoria, pois suas vozes são anuladas pelos discursos e verdades dominantes. As vidas que não fazem parte do poder dominante só são vistas e faladas se cometem algum ato que vai contra o poder dominante, caso contrário, torna-se difícil de serem pensadas e de ganharem luz e visibilidade.

Eis as escolhas de José Saramago ao criar suas personagens, escolhas de vidas esquecidas que passam a ter visibilidade, tornam-se importantes, tornam-se dizíveis e visíveis. Suas

personagens, portanto, são mulheres e homens simples, que são a mola geradora dos diagramas de força e que merecem ter sua vez e voz na História, que, como diz o próprio autor, “é parcial e parcelar”. Em relação a isso, Teresa Cristina Cerdeira escreve:

> Nesse sentido, os Mau-Tempo fazem parte da ficção e da história. São ficção quando personagens de uma trama que se ordena desta ou daquela forma pela vontade do criador. São história quando compostos com dados que coerentemente dão conta da vida de outros personagens que se assemelham e que, portanto, são capazes de representar. (SILVA, 1989, p. 197)

Ana Paula Arnaut também discorre sobre personagens fictícios que podem ser perfeitamente reconhecíveis na vida real.

> [...] a orquestração do(s) universo(s) romanesco(s) assenta em personagens e em dados recognoscíveis e facilmente corroboráveis pela leitura das histórias oficiais [...]. No entanto, e ao contrário do que sucede no romance histórico tradicional, a representação dos modelos não pretende manter-se o mais fiel possível à realidade conhecida e, por isso, leva o leitor a esquecer que, de facto, está a ler simples reproduções. Não se pretende, ainda, sequer ocultar as particularidades da reprodução, isto é, algumas da estratégias que presidiram à (re)construção de personagens e acontecimentos. (ARNAUT, 2008, p.8)

Assim, ao recontar e recriar os fatos históricos, Saramago leva-nos a olhar para outra parte da historia, uma parte desconhecida, impensada por nós, a parte que estava oculta e que nunca foi contada por meio dos livros. Ao invés de se ater apenas à memória que nos foi transmitida pelas verdades do poder dominante, “os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2015, p.53), o autor nos conta a história do povo resistindo às relações de poder, tangenciando as forças dominantes, o que justifica a escolha pelos personagens dos quais falaremos, adiante. Ana Paula Arnaut fala sobre a escrita de José Saramago:

> E, porque, de facto, a h(H)istória pode ser contada de outra maneira (na qual assume, também, quando necessário e quando narrativamente oportuno, a defesa e o ponto de vista daqueles a quem a história não tem concedido muito valor), o autor revisita outros tempos, outras personagens que lhe permitirão tecer severas críticas à maneira como a memória histórica tem vindo a ser perpetuada.(ARNAUT, 2008, p. 7)

Saramago fala a Carlos Reis sobre as personagens que fazem parte de seus romances: “É esse sentido de pessoa comum e corrente, aquela que passa e que ninguém quer saber quem é, que não interessa nada, que aparentemente nunca fez nada que valesse a pena registar, é a isso que eu chamo de vidas desperdiçadas.” (REIS, 2018, p.74). De fato, o confirmam as centenas de personagens criadas ao longo dos anos, das quais a maioria é composta por aqueles que os historiadores ignoraram, como confirma o autor:

> É essa minha preocupação com as tais vidas que não deixaram sinal, que neste caso foram vidas que puseram de pé o Convento de Mafra ou as pirâmides do Egito ou o

> Aqueduto das Águas livres. E não só os que fizeram os grandes monumentos e os tornaram visíveis: também há o trabalho comum das pessoas que, pela sua própria natureza, não deixaram sinais, porque pelo menos os carpinteiros e os pedreiros de Mafra deixaram materialmente algo. [...] Ora, é essa necessidade de pôr em primeiro plano aqueles que aparentemente nada fizeram para lá chegar, que me leva (que me levou), por exemplo, a essa enumeração de nomes de operários no Memorial do Convento, que vai de A a Z, como se cada um deles representasse todos os nomes começados por aquela letra (...) (REIS, 2018, p.75)

Assim, ao lermos as duas obras de Saramago, *Levantado do Chão* e *Memorial do Convento*, atravessaremos a História, agora recriada, guiados pelas ideias e conceitos de Michel Foucault, olharemos para a História de uma outra forma, sob o prisma dos excluídos e não mais sob a ótica do poder dominante. Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo são as representações desse povo esquecido e excluído da história.

O fato de recontar a História faz surgir personagens que há muitos séculos vieram às margens. Essas personagens marginalizadas chocam-se e resistem ao poder dominador de alguma forma. Elas são personagens que, ao longo das narrativas do autor, saem do processo de sujeição e subjetivam-se. Essa é uma característica constante na obra do escritor e que veremos a seguir.

3.2 **As forças de resistência das personagens saramaguianas**

> Com efeito, um diagrama de forças apresenta ao lado das (ou antes “face às”) singularidades de poder que correspondem às suas relações, singularidades de resistência, os “pontos, nós, focos” que se efetuam por sua vez sobre os estratos, mas de maneira a tornar possível a mudança.
>
> *Gilles Deleuze*

Nas obras Saramaguianas, costumamos nos deparar com personagens que no decorrer da narrativa, se já não são personagens fortes e cheias de personalidade, vão tornando-se sujeitos de suas próprias vidas e escolhas. Como já vimos anteriormente, essas são personagens comuns provenientes do povo, que numa reação de resistência às forças de sujeição, vão criando meios de se fortalecerem e seguirem suas vontades. São personagens

guiadas pelo desejo que as potencializa e as fazem criar novas saídas para as questões que surgem em suas vidas e, com isso, criar novos meios de vida. Retomando Maria Lúcia Wiltshire:

> Os heróis saramaguianos, como todo herói do passado, são exemplares, recortando-se sob um pano de fundo cívico. No entanto, aqui o ético substitui o mítico. [...] As suas vitórias se concretizam sobre suas próprias subjetividades que se tornam, a partir, daí, capazes, não de vencer, de uma vez por todas, outro guerreiro, um dragão ou um minotauro, mas de permanecer na resistência, pois hoje o inimigo ´invisível e mutante. (OLIVEIRA, 2010, p. 84)

Elas são personagens capazes de resistir às forças de poder que tendem a tentar controlá-las e sujeitá-las a seguir determinadas regras e códigos impostos. Personagens resistência como João Mau-Tempo de *Levantado do Chão*, um camponês que ao longo dos anos de exploração do seu trabalho vai tomando consciência e reagindo contra essa exploração. Conforme Salma Ferraz:

> João Mau-Tempo faz jus ao tempo que o autor considera tempo das perguntas, uma vez que lutou contra a exploração dos trabalhadores no latifúndio. Grevista, possuía um discurso comunista e por causa disso foi preso três vezes. Por fim, envolveu-se em um movimento revolucionário, foi preso, ficou trinta dias apanhando e sofrendo muito. Era avô de Maria Adelaide Espada. (FERRAZ, 2012, p. 187)

Outros exemplos são Cipriano Algor, de *A Caverna* (2000), cujos trabalhos como oleiro foram recusados pelo centro comercial, recria seu destino a partir de ações de resistência às regras do Centro Comercial quando foi obrigado, devido a algumas circunstâncias, a se mudar para lá.

Jesus Cristo em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), é um Jesus homem que questiona e se revolta contra o divino, recusando a posição de enviado de Deus na Terra para divulgar sua palavra. Temos também José, de *Todos os nomes* (1997), que após anos trabalhando exemplarmente em uma instituição pública começa a agir clandestinamente na repartição para investigar e encontrar a mulher, cujo registro de morte ele não encontrou.

Personagem inusitada nesta lista é a morte, com letra minúscula, por não ser a grande morte, de *As Intermitências da Morte* (2005), que certo dia se recusa a exercer suas funções, ou seja, para de matar, pois, os homens sempre reclamavam dela.

Esses são apenas alguns exemplos de personagens saramaguianas que, resistindo às forças de sujeição, se engrandecem dentro da narrativa, recriando suas vidas e trazendo outra significação a elas. Personagens que, ignorando os códigos de conduta ou burlando tais códigos, impostos pelas forças institucionalizadas, ganham força e se subjetivam, encontram novas razões em suas vidas.

Essas são personagens resistência que são ecos da voz do escritor, que tem o que dizer e quer dizer. Comentando sobre um texto seu no qual afirma ser o romance um lugar literário onde se torna "expressão de um conhecimento, de uma sabedoria, de uma cosmovisão, como o foram para o seu tempo os poemas da Antiguidade Clássica" (Reis, 2018) o escritor diz:

> Assim como falei da tentativa de uma descrição totalizadora, como esse rio que transporta e leva tudo, com afluentes que vêm de todo o lado, também ali, no texto que citou, quando convoco o romance, no fundo entendo-o como uma tentativa de o transformar numa espécie de soma. Se afirmo que o que quero é dizer quem sou, que o que quero é que através do romance possa aparecer a pessoa que sou, a tal que não se repetirá mais, aquela que não acontecerá outra vez, então não se trata apena de escrever um romance para contar uma história: trata-se de escrever um romance para dizer tudo. (REIS, 2018, p.122)

Diferentes de muitos escritores que se distanciam dos seus textos, Saramago revela em seus romances o que ele é e o que ele pensa. Através de atos transgressores, as personagens revelam um escritor que analisa a História, a sociedade e os homens de forma crítica. Ainda observando as respostas do autor:

> Então o que eu critico é o comportamento do ser humano, um ser dotado de razão, razão disciplinadora, organizadora, mantenedora da vida, que deveria sê-lo e que não o é; o que eu critico é a facilidade com que o ser humano se corrompe, com que se torna maligno. (REIS, 2018, p.132)

Saramago cria personagens resistência que se contrapõem às personagens que representam os seres humanos malignos. Suas personagens centrais não são más, não têm desvios de conduta que prejudiquem as outras. Na verdade, são personagens que dobram suas forças frente a outras forças que têm por finalidade a dominação e triunfo em detrimento de outros. Ainda que ajam de forma violenta, como a mulher do médico em *Ensaio sobre a Cegueira,* ou Blimunda Sete-Luas em *Memorial do Convento,* que cometem assassinatos, o fazem como forma de defesa e resistência.

Tendo em vista tudo isso, e partindo da ideia de relações de poder microfísicas, forças difusas provindas de diferentes pontos em um diagrama histórico, pensaremos a resistência das personagens Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo e o processo de subjetivação das mesmas diante da sujeição imposta pelas forças institucionalizadas com suas verdades estratificadas.

Memorial do Convento e *Levantado do Chão* fogem à ótica de que o poder se concentra apenas na forma Estado e anuncia todas as relações de força (afetar, ser afetado e resistir) como relações de poder, difusas e múltiplas, emergindo de diversos pontos de singularidades.

Por mais que as obras narrem e tenham por cenário o poder do Estado, (o poder do soberano e o governo monárquico e republicano, respectivamente), em nenhum momento se propõem a mostrar apenas este lado da força. Pelo contrário, o olhar para o poder dominante é deslocado e o foco das duas narrativas passa a ser as histórias de personagens comuns, que são afetados pelo poder do Estado, mas que, de alguma forma, resistem a ele. Os dois romances trazem histórias poderosas que, embora ficcionais, poderiam ter sido as histórias que ficaram anônimas em um diagrama. Dão voz e luz aos anônimos da história.

4 BLIMUNDA SETE-LUAS: O DOBRAR DAS FORÇAS TRAZENDO UMA NOVA RELAÇÃO COM O TEMPO

A subjetivação é a produção dos modos de
existência ou estilos de vida.
Gilles Deleuze

Ao começarmos a pensar uma análise da personagem Blimunda Sete-Luas, iniciaremos relembrando que na obra *Memorial do Convento* há um discurso ficcional construído a partir de fatos históricos de Portugal do século XVIII. O discurso ficcional rompe as barreiras da História e propõe uma reconstrução dos fatos, preenchendo as lacunas deixadas pela História que nos foi passada de forma parcial e fazendo, com isso, reverberar as vozes que foram silenciadas no passado.

Pensando a partir do conceito de poder e resistência de Michel Foucault, seguiremos a trajetória da personagem Blimunda Sete-Luas e seu processo de subjetivação que tangencia as forças do poder dominador, poder este que tem como forma de dominação a tentativa de sujeição do homem.

Pensaremos as relações de poder de *Memorial do Convento* sob a perspectiva do diagrama de soberania onde as forças dominantes seguem as verdades e códigos instituídos pelo poder do soberano e da Igreja Católica. A nossa personagem, Blimunda Sete-Luas e seus amigos, o companheiro Baltasar Sete-Sóis e o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que formam a santíssima trindade da obra e constroem a passarola, esbarram nessas forças e códigos e resistem aos padrões que lhes são instituídos, quase sempre agindo de modo transgressor para viverem de acordo com seus sonhos e desejos.

Blimunda, dentre a tríade transgressora, foi a personagem escolhida por nós, embora Ana Paula Arnaut (ARNAUT, 2008) acredite que o verdadeiro herói desta obra seja Baltazar Sete-Sóis, pois é ele quem sofre a maior transformação e evolução interior, até tomar consciência de sua força como homem. Porém, é Blimunda Sete-Luas que o ajuda a tornar-se um herói, pois sua força, potência e sua sabedoria o ensina a tornar-se livre dos códigos e padrões da época. Por isso nossa escolha por Blimunda: ela é forte e não se sujeita às forças paralelas, ela vive uma vida de certo modo livre, escolhida por si mesma. Blimunda cria e recria a sua existência seguindo suas escolhas e vontades.

Observando o vocábulo Blimunda de Jesus ou Sete-Luas no Dicionário de personagens da obra de José Saramago, mencionado anteriormente, veremos que esta é inicialmente definida como:

> Mulher simples e do povo, portadora de uma sensibilidade aguçada, é madura, paciente, vidente, sensual, sábia, feiticeira, livre, age com naturalidade. É apresentada inicialmente como sendo uma bela moça alta de corpo delgado. É dotada de uma força de espírito descomunal, possui um estranho conhecimento, é inteligente, tem poderes sobrenaturais e uma sabedoria ancestral. (FERRAZ, 2012, p. 84)

A personagem escorrega por entre as linhas de força do diagrama de Soberania, atando os nós de resistência que a direcionam para um modo de vida diferente da maioria do povo, povo esse controlado pelo poder do rei e do ideal cristão. Blimunda se dobra e dobras forças do poder que tentam sujeitá-la criando modos de vida que esbarram no poder e que a potencializa e liberta.

Quando em uma de suas aulas, que estão presentes no livro *Aulas de Psicologia e Metafísica*, Henri Bergson fala sobre liberdade, ele diz que ela é relativa, e depende dos motivos e valores que colocamos nas nossas escolhas.

> Mas tomem dois motivos: o amor ao ganho, por exemplo, e o respeito ao dever, e coloquem diante desses motivos pessoas[157] diferentes: talvez não existam duas que ajam do mesmo modo, porque o motivo mais forte para esta será um motivo fraco para aquela, porque os motivos têm um valor relativo a cada um de nós, porque a única força que têm é a que lhes atribuímos. Disso se conclui que sem a menot dúvida obedecemos ao motivo mais forte, mas somos nós que fazemos a força dos motivos e é precisamente nisso que consiste nossa liberdade. Nossa liberdade, repetimos, consiste precisamente em nosso poder de atribuir, de ligar aos diferentes motivos um valor que depende inteiramente das propensões que temos, de nossos hábitos de pensar, de nosso caráter e nossa moralidade. (BERGSON, 2014, p.287)

A personagem em questão age conforme suas escolhas e desejos, não segue a moralidade imposta por códigos e padrões de sua época e, de certa maneira, isso a faz livre. Seu processo de subjetivação e liberdade vai se tornando cada vez mais intenso quando ela vai seguindo seus instintos e agindo conforme suas ideias e vontades. Conforme observa Ferraz:

> Ela sabe que, por ser diferente, pode ser extirpada da sociedade. É uma personagem fantástica e estranha que pertence à galeria das personagens especiais criadas pelo autor uma vez que possui poderes misteriosos. Seus misteriosos olhos são indefiníveis, ora claros de cinzento, ou verde ou azul e, às vezes, tornam-se negros noturnos ou ainda brancos brilhantes. (FERRAZ, 2012, p. 84)

Assim, Blimunda Sete-Luas não vive uma vida conforme os preceitos do "bom homem" ditado pela moral cristã. Sua duração é outra, ela vive para seus sonhos e seus desejos, o que a individualiza a ponto de chegar a uma vida que transcende as ações que seguem apenas as percepções sensório-motoras, trazendo para a personagem uma nova

relação com o tempo, já não mais de uma forma quantitativa, mas qualitativa, intensificando ainda mais seu processo de subjetivação conforme veremos adiante.

4.1 **Blimunda Sete- Luas e as dobras da resistência no dispositivo de soberania**

Gilles Deleuze desenvolve o conceito de dobras presente na obra de Foucault no livro homônimo *Foucault* e no livro de entrevistas *Conversações.*

> Foucault em *A Vida dos Homens Infames* escreve: "O ponto mais intenso das vidas, aquele no qual se concentra sua energia é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar suas forças ou escapar às suas armadilhas". (DELEUZE, 2013, p.101)

Conforme vimos anteriormente, dobrar-se é estar ao mesmo tempo do lado de dentro e do lado de fora. Ser afetado pelas forças difusas espalhadas no diagrama e dobrá-las utilizando-as para a própria vida. A não sujeição frente às verdades e dogmas determinados por diagramas de poder institucionalizados. O deixar-se afetar e dobrar tais forças ao seu proveito potencializando-se. "É sempre do lado de fora que uma força é afetada por outras ou afeta outras. Poder de afetar ou de ser afetado, o poder é preenchido de maneira variável, conforme as forças em relação." (DELEUZE, 2013, p.96)

Deleuze discorre sobre o ato de resistir, propondo um vergar das forças dos afetos externos e dobrá-las para que sirvam em propósito próprio, ou lutar contra elas. Conforme o autor: "Transpor a linha de força, ultrapassar o poder, isso seria como que curvar a força, fazer com que ela mesma se afete, em vez de afetar outras forças, uma dobra segundo Foucault, uma relação da força consigo." (Idem, p. 127) Ou seja, potencializar-se à medida que a força é dobrada, resistir às relações de poder que nos afetam e utilizá-las em benefício próprio.

Como já foi dito, Foucault reconhece a força da resistência e o seu primado para a movimentação e derrubada do diagrama de forças que, por sua vez, só se estabiliza quando há condições possíveis de criação de verdades, ou seja, o que em determinada época pode ser dito e visto. "A força do lado de fora não para de subverter, de derrubar os diagramas." (DELEUZE, 2013, p.101).

> Dobras e desdobras, é isto, sobretudo que Foucault descobre em seus últimos livros como sendo operação própria a uma arte de viver (subjetivação).(...) em Foucault não existe experiência no sentido fenomenológico, mas sempre saberes e poderes

> que encontram ao mesmo tempo seu limite seu desvanecimento na linha do Fora. (DELEUZE, 2013, p. 143)

Blimunda é uma personagem que resiste, potencializa sua força numa relação consigo, esbarrando no poder e recriando a vida, traçando sua linha de fuga. Como vimos, temos a resistência como dobra da própria força e das forças externas. Resistência às relações de poder dentro de um diagrama de forças.

Na obra, temos a força da personagem dobrando-se para si mesma, criando estilos de vida que desviam-na da sujeição e individualização que o poder impõe. Ela dobra-se frente aos códigos e aos poderes dominantes da Igreja e do monarca D. João V, e cria suas condições de vida diante dos afetos, das relações de poder nesse diagrama histórico. A personagem tangencia o diagrama de forças, dobrando-se para ou sobre si diante das forças que afetam os corpos e os controlam com suas verdades.

Blimunda representa a resistência, afeta e é afetada por forças diversas e que, frente a cada uma delas, transparece a sua construção subjetiva. Mulher forte, questionadora dos dogmas da religião, questionadora de assuntos diversos, sábia e corajosa. As questões levantadas pela personagem são polêmicas e ecoam vozes e questionamentos que durante séculos estão à margem e que, constantemente, reaparecem no centro da escrita de José Saramago.

Partindo dessa ideia, escavaremos a construção da personagem Blimunda Sete-Luas que na narrativa, a todo tempo, subverte as linhas de poder subjetivando-se. O ponto de subjetivação de Blimunda é tanto que ela passa a ter outra relação com o tempo, como pode ser visto nas últimas páginas de *Memorial do Convento* e que abordaremos aqui posteriormente.

Em *Memorial do Convento*, o narrador recria Portugal do século XVIII. Tendo como pano de fundo a construção do Convento de Mafra, o autor traça de forma ficcional um percurso da história de Portugal, no reinado de D. João V e descreve as relações de força que poderiam ter existido ali, naquele instante. Uma nova história é contada na obra, embora dialogue com fatos que a História nos deixou registrado. E assim, uma nova forma de pensar o poder é colocada em questão. Segundo Teresa Cristina Cerdeira:

> Em 1699 chegou a Lisboa o primeiro carregamento de ouro e esta importação abundante duraria, pelo menos, meio século. O maior afluxo desse metal precioso e de diamantes, coincide, justamente, com a época do reinado de D. João V, que constituiu uma espécie de "delírio luxo beato à custa das minas do Brasil", de onde surgiu, por exemplo, a construção gigantesca de Mafra. (SILVA, 1989: p.24)

Personagens e acontecimentos que estão, de fato, nas páginas dos documentos e registros históricos coexistem com personagens criadas, que representam as existências possíveis, mas que não ficaram inscritas nas memórias oficiais da História. Assim como Paul Ricouer, Teresa Cristina Cerdeira fala sobre as escolhas do historiador ao selecionar os fatos a serem registrados:

> Para falar do reinado de D. Joao V, não faltam documentos, provas, testemunhos escritos. Mas esses documentos não podem ser abordados inocentemente. Primeiro porque, se de um lado todo o documento é verdadeiro – mesmo o falso, já que resistiu ao tempo e funcionou como meio de caracterização de uma época – por outro, ele é sempre falso, já que nasce sempre de uma escolha, de uma montagem, de uma roupagem que a época e a ideologia impuseram. Há, pois, que se duvidar do documento porque ele não é inócuo. Há que buscar outras visões, outros caminhos, deixar falar fontes emudecidas, "a diversidade obscura fecunda", para que o objeto estudado não seja abordado redutoramente. (SILVA, 1989, p.32)

O caráter de subjetividade na escolha do autor ao registrar a História, seja pelo viés ideológico, seja pelo que ele julga ser importante, deixa lacunas que podem ser preenchidas pelo discurso ficcional que dá vez e voz a existências que com o tempo foram emudecidas pela Historia.

Personagens e fatos históricos como o rei D. João V, o padre Bartolomeu de Gusmão, os Autos de fé, os conventos, a Santa Inquisição e as procissões da Quaresma fazem parte deste dispositivo dominado, sobretudo, pelo Soberano e pela Igreja Católica, e que estão descritos na obra ficcional compondo o cenário desse universo do século XVIII.

O rei é a figura central do diagrama de soberania. O sistema penal foi criado para que o poder dominante exercesse suas forças de forma difusa incidindo num controle das diversas outras forças que emanam de todos os lados no diagrama.

> Por um lado ele é um fator de "proletarização": tem por função coagir o povo a aceitar o seu estatuto de proletário e as condições de exploração do proletariado. É perfeitamente claro que, desde o fim da Idade Média até o século XVIII, todas as leis contra mendigos, os ociosos e os vagabundos, todos os órgãos de polícia destinados a expulsá-los os coagiam - e era esse o seu papel [...]Por outro lado, esse sistema penal dirigia-se especialmente aos elementos mais móveis, mais agitados, os "violentos" da plebe, os que estavam mais prontos a passar à ação imediata e armada, entre o proprietário endividado coagido abandonar sua terra, o camponês que fugia do fisco, o operário banido por roubo [...] Eram essa pessoas "perigosas" que era preciso isolar (na prisão, no Hospital Geral, nas galés, nas colônias) para que não pudessem servir de ponta de lança aos movimentos de resistência popular.(FOUCAULT, 2015, pp.103-104)

Todos os aparatos legais foram criados para garantir a governabilidade sem que poderes oriundos de diversos pontos do diagrama pudessem interferir no objetivo maior, governar soberanamente tendo o controle da vida e dos corpos. O rei tinha o direito de "fazer morrer e deixar viver". Os que não se adequavam a tal poder estatal eram condenados ao degredo

quando não mais grave ao suplício em praça pública seguido de fogueira ou enforcamento. Discursos e ações que atravessavam o discurso do poder dominante deviam ser calados para que não ecoassem por todos os cantos. O rei castigava em praça pública para mostrar que ali o certo era seguir o caminho instaurado pelo poder através das leis.

> O objetivo do exercício de poder será manter, reforçar e proteger o principado, entendido como conjunto constituído pelos súditos e o território, o principado objetivo, mas como relação do príncipe com o que ele possui, com o território que herdou ou adquiriu e com seus súditos. (FOUCAULT, 2015, p.410)

O poder da Igreja Católica, no século XVIII, era outra forma de manifestação do poder que, associado ao monarca, garantia certos domínios de forças mediante às diversas outras forças difusas que, vez ou outra, interferiam e desordenavam os códigos e padrões deste dispositivo.

Nem todos se deixavam atravessar por essas forças de sujeição e, por vezes, resistiam a elas, fazendo movimentar as linhas do diagrama. Esses sujeitos resistência se subjetivavam frente a esses poderes. Poder que carregava discursos de obrigações religiosas para a salvação da carne. Através da confissão, da fala de todos os atos e condutas que fugiriam aos códigos morais, o homem teria sua chance de salvação. Quanto mais se fazia falar de sexo no ato de confissão, mais ardor e desejo nos corpos disseminavam. Em *Memorial do Convento*, nas procissões de Quaresma, as devidas penitências pagas são mencionadas através de estados de erotismo, ao estabelecer o pecado e o mau da carne.

> Está o penitente diante da janela da amada, em baixo, na rua, ela olha-o dominante, talvez acompanhada da mãe ou da prima, ou aia, ou tolerante avo, ou tia azedíssima, mas todas sabendo muito bem o que se passa, por experiência fresca ou recordação remota, que Deus não tem nada a ver com isto, é tudo coisa de fornicação, e provavelmente o espasmo de cima veio em tempo de responder ao espasmo de baixo, o homem de joelhos no chão, desferindo golpes furiosos, já frenéticos, enquanto geme de dor, a mulher arregalando os olhos para o macho derrubado, abrindo a boca para lhe beber os sangue e o resto. (SARAMAGO, 2013: p.30)

Na obra analisada, o poder monárquico e a Igreja, representam o poder dominante. Esse dispositivo de Soberania, com seus códigos de conduta, carregam discursos e verdades dessa forma de poder institucionalizada. E Blimunda Sete-Luas e as personagens que a acompanham no romance, Baltasar Sete-Sóis e padre Bartolomeu Lourenço vergam sem parar essas forças e agem de forma transgressora contra seus códigos. Como observa Ferraz acerca de Blimunda: “Sua grande importância é expressa quando recebe a missão, por parte do padre Bartolomeu, de reunir as vontades humanas para que estas auxiliem no vôo da Passarola. É, pois, um pilar básico e essencial para o projeto da Passarola.” (FERRAZ, 2012, p. 85)

D. João V é a representação deste soberano na obra: um monarca absolutista que autorizava suplícios, degredos, e até mesmo, quando na construção do convento de Mafra, ordenava que conseguissem dentre seus súditos mão de obra para empreitada, ainda que para isso tivessem que obrigar os homens a trabalhar forçados, a contragosto, levados acorrentados. Porém, essa figura que representa o poder, e que de fato na História foi representação do poder dominante, na obra é descrito de forma jocosa, sem que lhe fosse conferida uma posição de importância ou respeito.

Assim como é a descrição do rei de forma irônica e debochada, D. Maria Ana - a rainha, e as outras personagens que representam a nobreza também são descritas da mesma forma, conforme podemos observar no trecho a seguir:

> São meandros do inconsciente real, como aqueles outros sonhos que sempre D. Mara Ana tem, vá lá explica-los, quando el-rei vem ao seu quarto, que é ver-se atravessando o Terreiro do Paço para o lado dos açougues, levantando a sai da frente e patinhando numa lama aguada e pegajosa que cheira ao que cheiram os homens quando descarregam, enquanto o infante D. Francisco, seu cunhado, cujo antigo quarto agora ocupa, alguma assombração lhe ficando, dança em redor dela, empoleirando em andas, como uma cegonha negra. Também desse sonho nunca deu contas ao confessor, e que contas saberia ele dar-lhe por sua vez, sendo, como é, caso omisso no manual da perfeita confissão. Fique D. Maria Ana em paz, adormecida, invisível sob a montanha de penas, enquanto os percevejos começam a sair das fendas, dos refegos, e se deixam cair do alto do dossel, assim tornado mais rápida a viagem. (SARAMAGO, 2013, p.17)

Ao tratar as personagens que representam o poder dominante com pilhéria, o narrador demonstra que não têm interesse em dar ênfase a essas figuras. Essas personagens só aparecem em destaque nas primeiras páginas da obra, esse destaque se dá dessa forma irônica. Logo depois, a atenção do narrador se detém nas personagens que representam a resistência a esse poder dominante.

É nesse contexto histórico que *Memorial do Convento* é construído, a Idade Clássica e o dispositivo de soberania. E é nele que está inserida a personagem Blimunda Sete-Luas, Portugal, século XVIII, reinado de D. João V.

Conta a (H)história que, por uma dificuldade em gerar um sucessor, o rei fez uma promessa à Ordem dos Franciscanos, segundo a qual caso nascesse um herdeiro para o trono seria construído um Convento em Mafra para esta ordem. Há uma passagem no início do romance sobre esta questão:

> Mas vem agora entrando D. Nuno da Cunha, que é o bispo inquisidor, e traz consigo um franciscano velho [...] pedi que encomendasse vossa majestade a Deus para que lhe desse sucessão, e ele me respondeu que o senhor terá filhos se quiser, [...] que se vossa majestade prometesse levantar um convento na vila de Mafra, Deus lhe daria a sucessão [...] (SARAMAGO, 2013, p.12)

E a narrativa começa assim, com a promessa de construção do Convento de Mafra. Esse é o pano de fundo da história, a partir daí, todo o romance é um entrelaçar de narrativas, onde diversas forças se relacionam naquele espaço/tempo.

Como mencionamos, somente nas primeiras páginas, o narrador aborda de fato, ainda que de modo irônico, as personagens da nobreza com destaque: o rei, a rainha e a vida no castelo. Partindo daí, o autor revisita a História e revela vidas que poderiam ter existido. E no desenrolar da obra, ele desvia o olhar do poder monárquico e o recai sobre o povo, revelando outra perspectiva da história.

Assim, o narrador vai apresentando as personagens do povo que farão a "nova" história de Portugal. Paralelo à construção do convento, há a construção de um sonho representado pela passarola, uma máquina voadora, sonho do Padre Bartolomeu Lourenço que, unido à força e aos sonhos de Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas se transforma em realidade.

Blimunda é uma personagem essencialmente importante na construção da narrativa, e a figura principal, como mencionamos, na construção da passarola, projeto do padre Bartolomeu de Gusmão. Ela é o pilar da tríade transgressora que sonha em conjunto essa empreitada. Sua força e sua subjetividade a fazem semelhante a seus companheiros de sonhos, mesmo sendo mulher em uma sociedade patriarcal. Ao lado de Baltasar Sete-Sóis e do padre Bartolomeu Lourenço, Blimunda exerce e intensifica sua força e poder.

No decorrer de sua vida, Blimunda cada vez mais vai potencializa-se e esse estágio de força tem seu auge no desaparecimento de Baltasar. Neste momento, ela passa a viver em busca de Baltasar e, com os pés nos passado, reativando as lembranças, ela vive em plena liberdade, pois escolhe sair em busca do seu companheiro. No fluxo de sua duração, desenvolve uma nova relação com o tempo dando-lhe potência máxima a seus poderes, como veremos a seguir.

4.2 **A potência da personagem Blimunda Sete-Luas**

Voar é coisa simples comparado
com Blimunda.
José Saramago

Um leitor só se envolve por uma personagem quando ela é coerente, e ainda que possa ter características que extrapolem o real, são absolutamente críveis, pois sua construção nos leva a isso. É o caso de acreditar e aceitar os poderes da personagem Blimunda quefilha de uma vidente degredada, apresenta características que também vão além do que é possível. É fácil se envolver pela personagem Blimunda que é construída com tamanho engenho que a torna independente do criador dentro da obra.

O termo "verdade" na obra literária ficcional é uma verdade criada, imaginada, inventada que pressupõe coerência na história e nas personagens construídas. A obra ficcional será "falsa" quando em seu corpo textual não existir um mundo, um imaginário com coerência, ainda que insólito, mas construído pelos elos de orações que revelam a objectualidade contextual.

Sendo assim, caminhamos ao lado de Blimunda, nossa singular personagem em *Memorial do Convento.* A recolhedora das vontades que faz voar os sonhos dos homens e a passarola do padre Bartolomeu Lourenço. No tecido da obra, o autor cria suporte para que a personagem possa existir. E assim é Blimunda, bordada poeticamente e poderosamente pelas palavras do texto.

Ela surge na narrativa de modo peculiar, o que já lhe confere uma singularidade dentro da obra diferente de outras personagens que são apresentadas pelo narrador, Blimunda é apresentada por sua mãe em um Auto de Fé.

O narrador, como que segurando uma câmera por cima das pessoas, narra um Auto de Fé.

> Grita o povinho furiosos impropérios aos condenados, guincham as mulheres debruçadas dos peitoris, alanzoam os frades, a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso vai se curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda parte. (SARAMAGO, 2013, p.53)

São cento e quatro pessoas que caminham rumo ao degredo, dentre eles judeus, cristãos-novos, feiticeiras, hereges e tantas outros que cometeram atos passíveis de degredo e fogueira, segundo o discurso de poder vigente. Cento e quatro pessoas consideradas "perigosas" para o rei e a Igreja. Cento e quatro pessoas que devem ser humilhadas, torturadas e escorraçadas a céu aberto para que todos de fato entendam que devem seguir as regras do poder e as ordens do rei. "E estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o Rossio cheio de povo, duas vezes em festa por ser domingo e haver auto de fé [...]." (SARAMAGO, 2013, p.51). Cinquenta e um homens e cinquenta e três mulheres acompanhados por uma multidão que clama por um espetáculo.

Blimunda é apresentada na narrativa ali, de forma singular, não pela voz do narrador, mas pela voz de sua mãe, Sebastiana Maria de Jesus, uma das cinquenta e três mulheres a caminho do degredo. Ela se apropria da palavra do narrador e se apresenta em discurso direto,

> [...] e esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã-nova, que tenho visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me que era efeito demoníaco, que sei que posso ser santa como os santos o são, ou ainda melhor, pois não alcanço diferença entre mim e eles, mas repreenderam-me de que isso é presunção insuportável e orgulho monstruoso, desafio a Deus, aqui vou blasfema, herética, temerária, amordaçada para que não, me ouçam as temeridades, as heresias e as blasfêmias, condena a ser açoitada em público e a oito anos de degredo no reino de Angola [...]. (SARAMAGO, 2013, p.54)

Sebastiana Maria de Jesus caminha ao lado de centenas de condenados. Ela foi desacreditada pelo tribunal da Santa Inquisição e condenada, "[...] tenho visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento." (SARAMAGO, 2013, p.54)

Ela sabe que está certa, como a vemos afirmar: "[...] sei que posso ser santa como os santos o são, ou ainda melhor, pois não alcanço diferença entre mim e eles, mas repreenderam-me de que isso é presunção insuportável e orgulho monstruoso, desafio a Deus [...]." (SARAMAGO, 2013, p.54), e por isso vai de cabeça erguida à procura de Blimunda, ainda que a tenham tapado a boca. Por intuição, sabia que a veria, conforme a cena, que trazemos:

> não ouvi que se falasse de minha filha, é seu nome Blimunda, onde estará, onde estás Blimunda, se não foste presa depois de mim, aqui há de vir saber da tua mãe, e eu te verei se no meio dessa multidão tiveres, que só para te ver quero agora os olhos, a boca me amordaçaram, não os olhos[...] enfim o meu peito me deu sinal, gemeu profundamente o coração, vou ver Blimunda, vou vê-la, ai, ali está, Blimunda, Blimunda, Blimunda, filha minha, e já me viu, e não pode falar, tem de fingir que não me conhece ou me despreza, mãe feiticeira e marrana ainda que apenas um quarto, já me viu, e ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço, não fales Blimunda, olha só, olha com teus olhos que tudo são capazes dr ver, e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda e não sabe, ai não sabe não, quem é ele, donde vem, que vai ser deles, poder meu, pelas roupas soldado, pelo rosto castigado, pelo pulso cortado, adeus Blimunda que não te verei mais, e Blimunda disse ao padre, Ali vai minha mãe e depois, voltando-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, que nome é os seu, e o homem disse, naturalmente, assim reconhecendo o direito de esta mulher lhe fazer perguntas, Baltasar Mateus, também me chamam Sete-Sóis." (SARAMAGO, 2013, p.55)

É nesse arrastão que leva os condenados às suas punições e através da voz de sua mãe que surge nossa personagem. Blimunda junto de outras centenas de pessoas acompanha a procissão que levará os criminosos ao degredo. Para a maioria do povo, os Autos de fé são meio de diversão como podemos observar:

> [...] hoje é dia de alegria geral, porventura a palavra será imprópria, porque o gosto vem de mais fundo, talvez da alma, olhar esta cidade, saindo de suas casas, despejando-se pelas ruas e praças, descendo dos altos, juntando-se no Rossio para

> ver justiçar a judeus e cristãos-novos, a hereges e feiticeiros, fora aqueles menos correntemente classificáveis, como os de sodomia, monilismo, reptizar mulheres e solicitá-las, e outras miuçalhas passíveis de degredo ou fogueira. São cento e quatro as pessoas que hoje saem, as mais delas vindas do Brasil, úbere terreno para diamantes e impiedades, sendo cinquenta e um os homens e cinquenta e três mulheres. Destas, duas serão relaxadas ao braço secular, em carne, por relapsas, e isto quer dizer teimosas apesar de todos os testemunhos, por contumazes, e isto quer dizer persistentes nos erros que são suas verdades, só desacertadas no tempo e lugar. (SARAMAGO. 2013, p.51)

Blimunda Sete-Luas, diferentemente da maioria dos que ali estão, não está para ver a justiça ser feita aos ditos criminosos, mas sim para acompanhar sua mãe, que é uma dentre os cento e quatro condenados. Uma peculiaridade da personagem, ela não faz parte daquela massa que vai sujeitando-se ao poder dominante. Ela vai lado a lado de sua mãe, como sua cúmplice, sem julgamentos, ambas fortes em meio à massa que as insulta. Blimunda surge como uma resistência. Vê sua mãe, finge não conhecê-la ou finge desprezá-la para enganar o poder, o que sabemos ainda pela fala da mãe: "[...] Blimunda, filha minha, e já me viu, e não pode falar, tem de fingir que me não conhece ou me despreza, mãe feiticeira e marrana ainda que apenas um quarto [...]" (SARAMAGO, 2013, p55).

Não se revelar ali, torna-se importante para sua vida, um ato de resistência. Para que ela pudesse viver em paz com seus segredos ela precisava se calar, pois caso fossem descobertos a levariam para o degredo, como acontecia com sua mãe. Segundo Teresa Cerdeira:

> Os julgamentos da Santa Inquisição conduziam a penas variadas, desde o açoite e a prisão perpétua até o degredo, o garrote e a fogueira. Mas "de qualquer maneira os condenados tinham que sofrer humilhações do auto-de-fé e a confiscação de todos os seus bens", além de levarem a infâmia a todos os que estivessem ligados ao seu nome por laços de família e até às gerações futuras. Foucault analisa com propriedade, e a partir de fontes seguras, o papel do suplício nas punições religiosas ou comuns, caracterizando a função do sofrimento, o seu ritual e as marcas que deve deixar no supliciado, pois trata-se de um castigo cujo objetivo não é reconciliar, mas manter acesa a chama da ignonímia. (SILVA, 1989:46)

Sebastiana Maria de Jesus ao ver Blimunda, antecipa seu futuro ao lado de Baltasar Sete-Sóis, um traço característico das obras de José Saramago, conforme o trecho: "[...] e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda e não sabe, ai não sabe não, quem é ele, donde vem, que vai ser deles, poder meu, pelas roupas soldado, pelo rosto castigado, pelo pulso cortado [...]." (SARAMAGO, 2013, p.55) Aqui já estava determinada uma questão na obra, o amor de Baltasar e Blimunda, que seguiriam unidos até o fim. Um amor resistência que fugia aos contratos estipulados pelo dogma cristão onde havia igualdade, parceria e liberdade sexual.

> Baltasar Sete-Sóis, minha mãe não se enganou, quando me dás a mão, quando te encostas a mim, quando me apertas, não preciso ver-te por dentro, Se eu morrer

> antes de ti, peço-te que me vejas, Morrendo tu, vai-se-te a vontade do corpo, quem sabe. (SARAMAGO, 2013, p.153)

O encontro de Baltasar e Blimunda se dá nesse auto de fé e a partir desse encontro até o sumiço de Baltasar, os dois não mais se separaram. Desde esse primeiro momento, Blimunda o deixou entrar em sua casa e em sua vida. Dobrando-se sobre as regras do casamento, ela vive conforme suas vontades e seu prazer deixando-se afetar pelo amor de forma intensa, cuidando de suas vontades que a tornam livre.

> Dorme Baltasar do lado direito da enxerga, desde a primeira noite aí dorme, porque é desse lado o seu braço inteiro, a ao voltar-se para Blimunda pode, com ele cingi-la contra si, correr-lhe os dedos desde a nuca até a cintura, mais abaixo ainda se os sentidos de um e de outro despertaram no calor do sono e na representação do sonho, ou já acordadíssimos iam quando se deitaram, que este casal, ilegítimo por sua própria vontade, não sacramentado na igreja, cuida pouco de regras e de respeitos, e se a ele apeteceu, a ela apetecerá, se ela quis, quererá ele. Talvez ande aqui obra de outro secreto sacramento, a cruz e o sinal feitos e traçados com o sangue da virgindade rasgada, quando à luz amarela do candil, estando ambos deitados de costas, repousando, e, por primeira infração aos usos, nus como suas mães os tinham parido, Blimunda recolheu da enxerga, entre as pernas, o vivíssimo sangue, e nessa espécie se comungara, se não é heresia dizê-lo ou mais ainda, tê-lo feito. (SARAMAGO, 2013, p.78)

Blimunda não tem correspondência com o real, visto que ela tem poderes sobrenaturais, mas aguça o nosso pensamento para o real, pois questiona regras, conceitos e dogmas. É uma personagem complexa. Ela vê além, mas ao invés de prever o futuro, como sua mãe, vê o que está no interior das pessoas e das coisas. Mas não um interior psicológico, e sim o físico. “[...] Blimunda tinha mais condenação que de prêmio, porque o interior destes animais não era realmente um gosto para a vista [...].” (SARAMAGO, 2013, p.83). Ela revela um mundo feio no interior dos corpos.

Depois de um tempo esconder esse poder de Baltasar, compartilha seu segredo com ele, após ele questioná-la, “Baltasar não teve tempo de responder, ainda procurava o sentido das palavras, e outras já se ouviam no quarto, incríveis, Eu posso olhar dentro das pessoas.” (SARAMAGO, 2013, p.80)

> Amanhã saberás que falo verdade, E não tens medo do Santo Ofício, por muito menos têm outros pagado, O meu dom não é heresia, nem é feitiçaria, os meus olhos são naturais, Mas a tua mãe foi açoitada e degredada por ter visões e revelações, aprendeste com ela, Não é a mesma coisa, eu só vejo o que está no mundo, não vejo o que é de fora dele (...) (SARAMAGO, 2013, p.81)

De forma poética, o dom de Blimunda é explicado, o dom de ver dentro de coisas e pessoas. Um poder que mais parece um castigo, pois o que está embaixo da pele não vale a pena ser visto.

> Que poder é esse teu, Vejo o que está dentro dos corpos, e às vezes o que está no interior da terra, vejo que esta por baixo da pele, e às vezes por baixo das roupas, mas só vejo quando estou em jejum, perco o dom quando muda o quarto da lua, mas

> volta logo a seguir, quem me dera que o não tivesse, Porquê, Porque o que a pele esconde nunca é bom de ver-se [...]. (SARAMAGO, 2013, p.81)

Blimunda é transgressora quando usa seus poderes para questionar a existência de Deus. Certo dia, desafiando os grandes dogmas da religião ela foi à missa em jejum com intuito de na hora da comunhão ver Cristo por dentro da hóstia. “Como é possível doer-lhe esse pouco, se toda ela esta cheia do horror de ter ousado o que esta manhã ousou.” (SARAMAGO, 2013, p.140).

> Blimunda levantou-se, atravessou o quintal e saiu para o campo, debaixo das oliveiras que subiam pela encosta até aos marcos da obra, ia enterrando as tamancas grossas no alqueive que a chuva amaciara, se fosse descalça e pisasse as pedras agudas, não as sentiria, como seria possível como é possível doer-lhe esse pouco, se toda ela está cheia do horror de ter ousado o que esta manhã ousou, aproximar-se da comunhão em jejum, fingiu comer o seu pão ainda deitada, como de costume e necessidade, mas não o comeu, depois andou de olhos baixos, fingindo compungimento e devoção em casa, e assim entrou na igreja, esteve no ofício como se prostrasse a presença de Deus, ouviu o sermão sem levantar a cabeça, esmagada, ao parecer, por todas as ameaças do inferno que caíam do púlpito, e enfim foi receber a sagrada partícula, e viu. Durante todos estes anos, desde que se revelara o dom que possuía, sempre comungara em pecado, com alimento no estômago, e hoje decidira, sem nada dizer a Baltasar, que iria em jejum, não para receber a Deus, mas para o ver, se ele lá estava [...] Esperava ver Cristo crucificado, ou ressurreto em glória, e vi uma nuvem fechada, Não penses mais no que viste, Penso, como não hei de pensar, se o que está dentro da hóstia é o que está dentro do homem, que é a religião afinal [...]. (SARAMAGO, 2013, p.141)

Nessa passagem, Blimunda se revela questionadora e se recusa a parar de pensar, quer saber o que é a religião, procurava naquele instante ver na hóstia sagrada Jesus, uma vez que a religião diz ser ela o corpo de Cristo, mas não viu mais nada além de uma nuvem fechada, que é a vontade dos homens.

Nossa personagem dobra-se sobre todos os dogmas que a igreja impõe: o casamento, o sexo no casamento com a finalidade da procriação, e também, a confissão do que a Igreja julga ser pecado.

Blimunda não teve filhos, era estéril, segundo Foucault na *Historia da Sexualidade Volume I*, na Idade Clássica a esterilidade era anormal e merecia penalidade, e os atos tidos como pecaminosos pela Igreja deveriam ser confessados. “Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes escondem os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse status e deverá pagar sanções.” (FOUCAULT, 2017, p.8). As relações sexuais entre Blimunda e Baltasar nunca têm o intuito de procriar, mas sim de demonstrar o afeto entre os dois, Blimunda nunca demonstra desejo em ter filhos, o amor e o desejo entre os dois é o motivo que reúne seus corpos.

Para Blimunda, não existe pecado e nem mesmo regras de controle de seus desejos. Sobre a ideia de pecado relacionado ao sexo Foucault em *A História da Sexualidade volume 1* diz:

> Seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado – e, ainda, seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que o sexo era condenado – mas seria, também, preciso perguntar por que hoje em dia nos culpamos tanto por ter outrora feito dele um pecado? (FOUCAULT, 2017, p.14)

No artigo intitulado "José Saramago: ficção inovadora e criativa", publicado na revista de estudos literários *Ipótese*, Maria Luiza Ritzel Remédios fala sobre as normas estabelecidas pela Igreja em relação à sexualidade.

> Deve-se levar em conta que, no século XVIII português, a questão da sexualidade era reprimida por regras constritivas construídas pela sociedade setecentista, como também pelas normas estabelecidas pela Igreja. Nessa época, o espaço do sexo foi absorvido pela família, pelo casal legítimo e pela função de reproduzir (FOUCAULT, 1984). A relação sexual torna-se uma atividade não prazerosa, como a relação conjugal dos reis, apenas utilitária; na sexualidade, então, a esterilidade será punida. Esse é o caráter de repressão que se encontra em *Memorial do Convento.* (REMÉDIOS, 2010, p. 6)

Blimunda dobra as regras de procriação, pois, como comentamos, a relação sexual para ela se dá por um ato de amor e desejos, o casal Blimunda e Baltasar não segue as regras e dogma institucionalizados. Em diálogo transgressor com Baltasar, ela discorre sobre não acreditar no pecado como vemos a seguir:

> Devem ser infelizes os santos, assim como os fizeram, assim ficam, se isto é santidade, que será a condenação, São apenas estátuas, Do que eu gostava era vê-las descer daquelas pedras e ser gente como nós, não se pode falar com estátuas, Sabemos nós lá se não falarão quando estão sozinhas, Isso não sabemos, mas, se só uns com os outros falam, e sem testemunhas, para que precisamos deles, pergunto eu, Sempre ouvi dizer que os santos são necessário à nossa salvação, Eles não se salvaram, Quem te disse tal, É o que sinto dentro de mim, Que sentes tu dentro de ti, Que ninguém se salva, que ninguém se perde, É pecado pensar assim, O pecado não existe, só há morte e vida, A vida está antes da morte, Enganas-te, Baltasar, a morte vem antes da vida, morreu quem fomos, nasce quem somos, por isso é que não morremos de vez, E quando vamos para debaixo da terra, e quando Francisco Marques fica esmagado sob o carro da pedra, não será isso morte sem recurso, Se estamos falando dele, nasce Francisco Marques, Mas ele não o sabe, Tal como nós não sabemos bastante quem somos, e , apesar disso, estamos vivos, Blimunda, onde foi que aprendeste essas coisas, Estive de olhos abertos na barriga da minha mãe, de lá via tudo. (SARAMAGO, p.375, 2013)

A passagem acima mostra o quão sábia e questionadora é Blimunda. As ideias dela não vêm de verdades instituídas, mas de seus sentimentos mais íntimos. Ela não segue os papéis impostos pela sociedade, quando cumpre esses papéis que a sociedade estipulou como tarefas femininas, não os faz por obrigação mas, sim, por escolha e cuidado com seus companheiro, como podemos observar na seguinte citação:

> Num canto da abegoaria desenrolaram a enxerga e a esteira, aos pés delas encostaram o escano, fronteira a arca, como os limites de um novo território, raia

> traçada no chão em panos levantada, suspenso estes de um arame, para que isso seja de facto uma casa e nela possamos encontrar-nos a sós quando estivermos sozinhos. Em vindo o padre Bartolomeu Lourenço, poderá Blimunda, se não tem trabalhos de lavar e cozinhar que ao a tanque a levem ou ao forno retenham, ou se não prefere assistir a Baltasar passando-lhe o martelo ou a turquês, a ponta do arame ou o feixe de vime, poderá estar Blimunda no seu resguardo de mulher de casa, que às vezes até a mais habituais aventureiras apetece, ainda quando não seja a aventura tanta como a que por derradeiro aqui se promete. Servem também os panos pendurados ao ato da confissão, posto o confessor deste lado de fora, postos os confitentes, um de cada vez, do lado de dentro, precisamente onde constantes pecados de luxúria ambos cometem, além de serem concubinos, se não é pior a palavra que a situação, aliás facilmente absolvida pelo padre Bartolomeu Lourenço que tem diante dos próprios olhos um maior pecado seu, aquele de orgulho e ambição de fazer levantar um dia aos ares, aonde até hoje apenas subiram Cristo, a Virgem e alguns escolhidos santos, estas espalhadas partes que trabalhosamente Baltasar vai conjugando, enquanto Blimunda diz do outro lado do pano, em voz alta bastante para que Sete-Sóis a ouça, Não tenho pecados a confessar. (SARAMAGO, José, 2013:pp.94-95)

Blimunda acredita não ter pecados a confessar e, ao lado dos seus amigos que compõem a tríade, vai agindo conforma suas necessidades e vontades para que os três realizem o grande desejo e sonho que de início era apenas do padre, a construção da passarola. Essa máquina de voar representa um grande ato de transgressão aos desígnios da Igreja, pois ela tem a pretensão de transpassar a esfera do chão e ir aonde “apenas subiram Cristo, a virgem e alguns escolhidos santos”.

Após a montagem da passarola, padre Bartolomeu Lourenço viaja para Holanda em busca do conhecimento da alquimia que serviria para fazê-la voar. Blimunda e Baltazar, enquanto esperam o retorno do padre, mudam-se para Mafra onde estão os pais de Baltazar. Blimunda é apresentada a eles

> Minha mãe, esta é minha mulher, o nome dela é Blimunda de Jesus. Deveria isso bastar, dizer de alguém como se chama e esperar o resto da vida para saber quem é, se alguma vez o saberemos, pois ser é ter sido, ter sido não será, mas outro é o costume, quem foram seus pais, onde nasceu, que idade tem [...]. (SARAMAGO, 2013, p.110)

Como bons católicos alguns questionamentos foram feitos à Blimunda, seria recebida ali sem problemas se não fosse judia e nem cristã-nova. Para Blimunda e Baltazar a questão religiosa pouco importava, o que lhes valia verdadeiramente era o amor que tinham um pelo outro, todavia, para que seu casamento fosse aceito de bom grado pela família, mentiram sem nenhum remorso nem sentimento de pecado. O que importava de fato era assegurar a verdade do amor dois sem mais problemas.

> Não conheci o meu pai, acho que já tinha morrido quando nasci, minha mãe foi degredada para Angola por oito anos [...] e por que é que sua mãe foi degredada, Porque a denunciaram ao Santo Ofício, Pai, Blimunda não é judia nem cristã nova, isto do Santo Ofício, do cárcere e do degredo foi coisa de visões que a mãe dela dizia que tinha [...] Minha mãe não era feiticeira nem eu o sou, Também tem visões, só as que as mulheres têm, minha mãe, Ficas a ser minha filha, Sim, minha mãe, Juras então que não és judia, Juro meu pai, Sendo assim, bem-vinda sejas à casa dos Sete-Sóis [...] Ficava no ar a mentira de não ter Blimunda costela de cristã-nova, se

> mentira era, quando destes dois sabemos o pouco caso que fazem de tais casos, por salvar maiores verdades se mente às vezes." (SARAMAGO, 2013, p.112)

O pai de Baltasar testa Blimunda para comprovar se ela não é judia dando-lhe um pedaço de carne de porco, mas mal sabia ele que ainda que fosse judia comeria a carne pois como sabemos, Blimunda não segue dogmas e códigos instituídos, ela vive conforme suas vontades. Vejamos a passagem:

> João Francisco Sete-Sóis foi à salgadeira e tirou um bocado de toucinho, que dividiu em quatro tiras, pôs cada uma em sua fatia de pão e distribuiu em redor. Ficou a olhar alerta para Blimunda, mas ela recebeu a sua parte e começou a comer tranquilamente, Não é judia pensou o sogro [...] Blimunda acabou de comer e sorriu, não adivinhava João Francisco que ela teria comido o toucinho mesmo que fosse judia, é outra verdade que tem de salvar. (SARAMAGO, 2013, p.111)

Nossa personagem é coerentemente criada dentro da narrativa de modo que sem ela partes extremamente relevantes na história não seriam possíveis, como a construção da passarola, sonho do padre Bartolomeu Lourenço que se torna real com ajuda de Baltazar Sete-Sóis e, principalmente, com a ajuda dos poderes de Blimunda Sete-Luas. A construção da passarola lhe confere características de uma vida de potência, liberta para viver sua subjetividade. Segundo Maria Lúcia Wiltshire: "Emblemático do herói clássico, o par masculino vence o desafio graças à intervenção da rainha-deusa Blimunda que lhes fornece o fio/combustível que lhes permitirá realizar a passagem iniciática, o voo." (OLIVEIRA, 2010, P. 78)

A construção da passarola representa também o ato transgressor das três personagens em questão. Ao trabalhar seus esforços na construção de uma máquina profana, as personagens tangenciam o poder dominante, sobretudo o poder da Igreja. Elas utilizam os recursos fornecidos ao padre pelo rei para construir a máquina, se abrigam em uma propriedade real, vivem nela, contudo, não se sujeitam a esse poder, pelo contrário, colocam seus esforços na construção de uma máquina pagã que só voa por conta dos poderes considerados heréticos pela Igreja. A seguir:

> Já o padre Bartolomeu Lourenço regressou de Coimbra, já é doutor em cânones, confirmado de Gusmão por apelativo onomástico e firma escrita, e nós, quem somos nós para nos atrevermos a taxá-lo do pecado de orgulho, maior bem nos faria à alma perdoar-lhe a falta de humildade em nome das razões que deu, assim possam ser-nos perdoados os nosso próprio pecados, esse e outros, que ainda o pior de tudo não será mudar de nome, mas de cara, ou de palavra. De palavra e cara não parece que ele tenha mudado, para Baltasar e Blimunda de nome também não, e se el-rei o fez fidalgo capelão de sua casa e acadêmico de sua academia, são de tirar e pôr essas caras e palavras, que com o nome adotado, ficam ao portão da quinta do duque de Aveiro, e não entram embora se adivinhe o que fariam os três se chegassem à vista da máquina, diria o fidalgo que são trabalhos mecânicos, esconjuraria o capelão a obra diabólica ali manifesta, por ser isto coisa do futuro se retiraria o acadêmico,

> para só voltar quando fosse coisa passada. Ora, este dia é hoje; (SARAMAGO, José, 2013: p.175)

Eles ultrapassam os limites do que seria tolerado pelas leis estipuladas pela monarquia e pelos preceitos cristãos.

> Padre Bartolomeu Lourenço, de que é que tem medo (...)Do Santo Ofício, Entreolharam-se Baltasar e Blimunda, ele disse, Não é pecado, que eu saiba, nem heresia querer voar, ainda há quinze anos voou um balão no Paço, e daí não veio mal, Um balão não é nada, respondeu o padre, voe agora a máquina e talvez que o Santo Ofício considere que há arte demoníaca nesse voo, e quando quiserem saber que partes fazem navegar a máquina pelos ares, não poderei responder-lhes que estão vontades humanas dentro das esferas. (SARAMAGO, 2013, p.)

O poder de Blimunda hereticamente foi canalizado de modo que fizesse a tríade voar na passarola, juntamente com seus sonhos, levados pela vontade dos homens. Mais uma vez Blimunda se utiliza do seu poder para se potencializar, dobrando-o de acordo com suas verdades.

Suas relações com o padre, seu companheiro Baltasar e com as duas mil vontades recolhidas lhes levaram aos céus, mas antes lhes sugaram as energias e a fizeram renascer. Um fluxo de durações entrecortadas, várias vontades e desejos, várias forças entrecruzando seu caminho, um ato de entrega ao que ela considera verdadeiro, tornando-a livre.

Nessa duração paralela a vida normal das pessoas comuns, na entrega de si pela busca das duas mil vontades, Blimunda adoece de ver o feio. Um excesso do pior do mundo se apodera de seu corpo e somente a música de Domenico Scarlatti a tira de sua doença, conforme o trecho abaixo:

> Não esperaria Blimunda, que ouvindo a música, o peito se lhe dilatasse tanto, um suspiro assim, como de quem morre ou de quem nasce (...) Nesta noite, Domenico Scarlatti ficou na quinta, tocando horas e horas, até de madrugada, já Blimunda estava de olhos abertos, corriam-lhes devagar as lágrimas se aqui estivesse um médico diria que ela purgava os humores do nervo ótico ofendido, talvez tivesse razão, talvez as lágrimas não sejam mais que isso, o alívio de uma ofensa. (SARAMAGO, 2013, p.)

Depois de anos e esforços transgressores dispendidos pela tríade para construir a máquina do futuro, a custo da sanidade do padre, a quase morte de Blimunda, e ao suor e cansaço de Baltasar a passarola voou.

> E Baltasar gritou, Conseguimos, abraçou-se a Blimunda e desatou a chorar, parecia uma criança perdida, um soldado que andou na guerra, que nos Pegões matou um homem com o seu espigão, e agora soluça de felicidade abraçado a Blimunda, que lhe beija a cara suja, então, então. O padre veio para eles e abraçou-se também, subitamente perturbado por uma analogia, assim dissera o italiano, Deus ele próprio, Baltasar seu filho, Blimunda o Espírito Santo, e estavam os três no céu, Só há um Deus, gritou, mas o vento levou-lhe as palavras da boca. (SARAMAGO, 2013, 2017)

Voaram por sobre Portugal, sem rumo, “Aonde vamos, e o padre respondeu, Lá aonde não possa chegar o braço do Santo Ofício, se existe esse lugar.” (SARAMAGO, 2013, p. 221). Depois de voarem, já o sol poente, correndo o risco de caírem Baltasar e Blimunda agem para que a passarola não caísse.

> Sete-Luas e Sete-Sóis sustentando com as suas nuvens fechadas a máquina que baixava, agora devagar, tão devagar que mal rangeram os vimes quando tocou o chão, só bandeou para um lado, não havia ali espeques para a receber, é que não se pode ter tudo. (SARAMAGO, 2013, p.225)

Ali perdidos depois de tamanha experiência, Blimunda reconhece sua potência, na sequência: “Blimunda aproximou-se do padre, disse, Passamos por um grande perigo quando descemos, se fomos capazes de nos livrar desse, doutros também nos livraremos, diga para onde devemos ir.” (SARAMAGO, 2013, p.)

Algo se passou naquele voo, depois da realização do sonho de fazer voar a passarola, nenhum dos três poderia ser os mesmos. Padre Bartolomeu enlouquecido, tentou destruir a máquina e desapareceu para sempre. Blimunda e Baltasar voltaram para Mafra para morar e trabalhar, mas sabiam que aquilo não lhes bastava.

A vida de Blimunda não poderia ser apenas perceber o mundo e agir apenas pelo instinto, trabalhando como todas as demais pessoas sujeitando-se ao poder. Assim, uma nova aventura lhe é destinada, mas desta vez, ela estará sozinha.

4.3 **Blimunda e uma nova relação com o tempo**

Em toda a obra Blimunda ultrapassa princípios e se entrega a vida como um fluxo. É como se ela se jogasse no rumo dos acontecimentos sem resistir, ela não tem medo do porvir. A emancipação da personagem é intensificada quando Baltasar Sete-Sóis sai de casa para consertar a passarola e não mais volta. Ela sai em sua busca e sequer ouve o narrador, levada por seu propósito e determinação.

> Blimunda foi à cozinha buscar algum alimento, que desassossego é este, mulher, ainda não estamos fora do que Baltasar prometeu, talvez aí chegue pelo meio-dia, tinha muito que consertar na máquina, tão velha, à chuva e ao vento, ele preveniu. Blimunda não nos ouve, saiu já de casa, vai pelo caminho que conhece, aquele por onde Baltasar virá” (SARAMAGO, 2013, p.383)

A partir daí sua busca excede a relação com o tempo presente. Henri Bergson em *Matéria e Memória* distingue percepção e memória e diz que ambas servem à nossa consciência para agir no mundo.

> [...] é para a ação que percepção e memória estão voltadas, é esta ação que o corpo prepara. No que concerne à percepção, a complexidade crescente do sistema nervoso põe o estímulo recebido em relação com uma variedade cada vez mais considerável de aparelhos motores e deste modo faz com que seja esboçado simultaneamente um número cada vez maior de ações possíveis. No que concerne à memória, ela tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil. Mas não é tudo. Ao captar numa intuição única momentos múltiplos da duração, ela nos libera do movimento de transcorrer das coisas, isto é, do ritmo da necessidade. Quanto mais ela puder condensar esses momentos num único, tanto mais sólida será a apreensão que nos proporcionará da matéria; de sorte que a memória de um ser vivo parece medir antes de tudo a capacidade de sua ação sobre as coisas, (BERGSON, 1999, p.26)

Para Bergson, o conjunto de percepções captado pela memória nos faz recordar de ações passadas e nos levam a tomarmos decisões úteis. E, quando nos conectamos à nossa intuição, nos livramos de ações apenas por estímulos-resposta nos tornando capazes de agir mais sabiamente.

E quando alteramos o transcorrer das nossas vidas, nos ligando não só ao tempo presente mais à virtualidade do todo aberto, que de certa forma faz parte de nós, nos relacionamos com uma outra duração que nos dirige ao indeterminado e assim nos possibilita criar.

É o que faz Blimunda após o desaparecimento de seu companheiro: ela já não mais se preocupa em viver uma vida voltada a estímulo-resposta, ela se propõe a encontrar Baltasar e começa uma viagem a Portugal sem pensar no tempo corrente, apenas vai recorrendo às suas lembranças o que aguça ainda mais seu poder intuitivo.

> E soube que já passou nesta terra porque àquela mesma porta está aquela mesma velha cosendo aquela mesma saia, tudo está na mesma, exceto Blimunda que vai sozinha [...] Por estes sítios se recorda de terem encontrado o pastor que lhes disse estarem na serra do Barregudo, além do Monte Junto, parece uma colina como qualquer outra, mas não a reteve assim na memória, talvez por causa do abaulado que tem, como se fosse uma miniatura deste lado do planeta, assim uma pessoa acredita que a terra é realmente redonda. Não há pastor nem rebanho, apenas um profundo silêncio quando Blimunda, para, uma solidão profunda quando olha em redor. (SARAMAGO, 2013: p.384)

Antes do sumiço de Baltasar, Blimunda vivia ao lado dele uma vida habitual, voltada para ações sensório-motoras. Era de certo modo uma vida guiada por movimentos desencadeados por percepções e ações recorrentes, pois por necessidade tinha que trabalhar para que a passarola voasse. Contudo, ainda que fossem ações voltadas para um resultado em

vida prática, essas ações eram bastante subjetivas porque a passarola não era um sonho coletivo em prol da sociedade, mas o sonho de três pessoas que viviam uma duração paralela às ações e durações esperadas pelo poder dominante. Após o sumiço de seu companheiro, Blimunda segue ainda mais o fluxo de suas vontades e sua intuição.

Antes, Blimunda agia seguindo o fluxo sensório-motor sim, mas para seu interesse próprio. Isso ocorria, não porque eles eram sujeitados pelo padre, mas porque tinha um objetivo a ser cumprido e acreditava nele. Por isso, a disciplina para agir no trabalho que competia a cada um deles, para que, no final, a passarola voasse. No entanto, com o sumiço de Baltasar essa rotina habitual foi quebrada. Baltasar saiu para consertar a passarola e jamais voltou. Ao tentar conserta-la, sem querer voou com ela.

Em busca de Baltasar, Blimunda sai por Portugal afora. O dia da partida de Blimunda era o mesmo dia em que o rei estaria em Mafra para a inauguração do convento. Ao contrário do povo que sai às ruas para prestigiar a chegada do rei, Blimunda sai da cidade e nem sequer expressa um desejo de querer vê-lo. Isso revela um desprezo ao poder real, o que a faz resistir e esbarrar novamente em suas forças sem sujeitar a ela.

> Blimunda não ouve, saiu já de casa, vai pelo caminho que conhece, aquele por onde Baltasar virá, não é possível desencontrarem-se. Desencontro, sim, haverá, mas com el-rei, que precisamente entrará hoje na vila de Mafra, logo a tarde, trazendo em sua companhia o príncipe D. José e o senhor infante D. Antonio, mais os criados todos da casa real. (SARAMAGO, 2013, p.383)

A partir daí, ela vai de terra em terra descrevendo seu companheiro com a imagem que conservava perfeitamente na memória. “o nosso dever é ir atrás daquela mulher que a quantos encontra vai perguntando se viram um homem com estes sinais, assim, assim e assim, o mais formoso do mundo”. (SARAMAGO, 2013, p.383)

Sozinha, ela extrapola sua potência. Em busca do seu companheiro, Blimunda necessita agir para sua segurança. Em suas andanças, ela mata um frade que tenta violentá-la, ela o faz não por maldade, mas por sua própria defesa. Após matá-lo, foge no escuro, ela é capaz de tal feito, pois precisa fugir em meio à escuridão para não ser descoberta.

Nessa busca incessante, ela é capaz de andar léguas e léguas sem ter destino certo, busca Baltasar sem saber onde procurá-lo. Blimunda deixa de contar o tempo e o espaço e passa a seguir apenas a sua intuição. Sendo assim, ela não mais conta os dias e as distâncias, apenas os vive, vive os dias e as estações, vive o indeterminado, tudo isso seguindo sua verdade, o que acaba sendo uma busca por si mesma e pela liberdade. “Nos primeiros tempos calculava as léguas que andava por dia, quatro, cinco, talvez seis, mas depois confundiram-se-

lhe os números, não tardou que o espaço o tempo deixassem de ter significado, tudo se media em manhã, tarde e noite [...].” (SARAMAGO, 2013,p. 403)

Blimunda saiu a procura de Baltasar mas ele já fazia parte de sua duração e de sua memória e, constantemente era trazido do virtual para acompanhá-la nessas terras que um dia os viram caminhar juntos.

Essa perda em sua vida a potencializa ainda mais. Já não há mais uma vida rotineira mas sim transformada e potencializada em grau máximo, seguindo seu fluxo em busca daquele que de certo ela encontraria. Jogou-se no contínuo da vida aguçando outras percepções.

> Nove anos procurou Blimunda. Começou por contar as estações, depois perdeu-lhes o sentido. Nos primeiros tempos calculava as léguas que andava por dia, quatro, cinco, talvez seis, mas depois confundiram-se-lhe os números, não tardou que o espaço o tempo deixassem de ter significado, tudo se media em manhã, tarde e noite, chuva, soalheira, granizo, névoa e nevoeiro, caminho bom, caminho mau [...] (SARAMAGO, 2013, p.403)

Blimunda Sete-Luas nunca perdeu a esperança de encontrar Baltasar Sete-Sóis. E cada volta que ela completava por caminhos repetidos sua intuição aumentava e a guiava. Ao narrar sua busca, continuam sendo expostas as injustiças e opressões que marcam o contexto em que se vivia, dentro do romance, mas num momento histórico de perseguições, como foi o tempo em que operava o Tribunal do Santo Ofício, como vemos:

> Caminhava no meio de fantasmas, de neblinas que era gente. Entre os mil cheiros fétidos da cidade, a aragem noturna trouxe-lhe o da carne queimada. Havia multidão em S. Domingos, archotes, fumo negro, fogueiras. Abriu caminho, chegou-se às filas de frente, Quem são, perguntou a uma mulher que levava uma criança no colo, Destes eu sei, aquele aquém e aquela são pai e filha que vieram por culpa do judaísmo, e o outro, o da ponta, é um que fazia comédias de bonifrates e se chamava António José da Silva, do mais, não ouvi falar. (SARAMAGO, 2013, p.405)

Após nove anos a procura de Baltasar, o encontra num auto de fé onde é julgado pela Santa Inquisição, e como já estava escrito nas páginas do livro, ela recolheu sua vontade no momento de sua morte.

> São onze os supliciados. A queima já vai adiantada, os rostos mal se distinguem. Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. Talvez por ter a barba enegrecida, prodígio cosmético da fuligem, parece mais novo. E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu às estrelas se à terra pertencia e a Blimunda. (SARAMAGO, 2013, p.405)

Assim termina a trajetória da personagem Blimunda Sete-Luas, que a todo instante esbarra nas linhas de poder para seguir seus desejos. Em nenhum momento ela se rende às forças que a dominam, pelo contrário, as dobra em seu benefício. Ela apenas segue suas vontades e

determinações tornando-a uma personagem que resiste à sujeição que o poder impõe e vive sua liberdade no indeterminado ao criar seus próprios meios de vida. É a última personagem a ter ação no romance

5 JOÃO MAU-TEMPO: DE REPRESENTAÇÃO DO CAMPONÊS COMUM A HOMEM SINGULARIZADO

A trajetória da família Mau-Tempo, na obra *Levantado do Chão*, percorre um longo período histórico em Portugal, abarcando boa parte século XX. Nesse período, ocorreu a transição do poder monárquico para o poder republicano em Portugal, e a obra relata esse momento até pouco tempo depois do ano de 1974, pós Revolução dos Cravos.

Durante esse período, Portugal presenciou transformações nas estruturas de governo e também transformações no que se refere aos direitos dos camponeses; todavia, essas só foram possíveis, é claro, partindo do poder de luta e resistência desses trabalhadores, que é o que veremos nessa análise, acompanhando a personagem João Mau-Tempo, que pode ser considerada no início como uma representação metonímica de todos os camponeses até a sua singularização, e a partir daí, passando a compor o grupo de homens que resistiram e lutaram pelos seus direitos. Conforme a obra:

> Então chegou a República. Ganhavam os homens doze ou treze vinténs e as mulheres, menos da metade, como de costume. Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos. A república veio despachada de Lisboa, andou de terra em terra pelo telégrafo, recomendou-se pela imprensa, se a sabiam ler, pelo passar de boca em boca, que sempre foi o mais fácil. O trono caíra, o altar dizia que por ora não era este reino o seu mundo, o latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar, e um litro de azeite custava mais de dois mil réis, dez vezes a jorna de um homem. (SARAMAGO, 2013, p. 34)

Os modos de governo, os saberes e códigos de conduta mudaram da Idade Clássica para a Idade Moderna, porém a tentativa de sujeição do povo dominado permaneceu, mas agora as formas de sujeição já não são as mesmas, novas leis de acordo com as novas necessidades do poder dominante foram criadas para que o controle dos corpos continuasse efetivo, segundo as condições de possibilidade desse outro diagrama de poder.

De acordo com o levantamento que Foucault fez das diferenças dos dois dispositivos, a Idade Clássica e Idade Moderna, o poder que dá o direito a condenar à morte se desloca para a exigência de um poder de gerar a vida.

> Com isso, o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função de seus reclamos. Essa morte, que se fundamentava no direito do soberano se defender ou pedir que o defendessem, vai aparecer como o simples reverso do direito do corpo social de garantir sua própria vida, mantê-la ou desenvolvê-la. (FOUCAULT, 2017, p.147)

Ou seja, haverá uma necessidade de controle de garantir a vida e controlar os corpos para que sejam usados de forma a serem produtivos ao novo sistema. Esses corpos devem ser

controlados de modo a se tornarem dóceis e úteis às novas formas de poder dominador, portanto, deve haver um controle maior sobre as práticas de ilegalidade e as formas de punição devem ser adequadas a essas novas práticas. Ainda conforme o filósofo francês:

> O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (FOUCAULT, 2017, p.135)

O controle do corpo que resiste às formas de poder já não passa mais pelo suplício em praça pública, mas o controle sob a forma de vigilância e a prisão como punição e exemplo para os corpos que insistirem em resistir a essa nova forma de controle. “A maneira pela qual a riqueza tende a investir, segundo escalas quantitativas totalmente novas, nas mercadorias e nas máquinas supõe uma intolerância sistemática e armada à ilegalidade.” (FOUCAULT, 2017, p.85)

A família Mau-Tempo representa a família camponesa, e João Mau-tempo, como já dissemos, é a representação do camponês. O diagrama de forças do período onde a história dos Mau-Tempo é contada insere-se nesse contexto, o dispositivo disciplinar. O que garante o poder dominante não é mais a figura de um Soberano, mas a propriedade privada e o capital. Surgem aí a policia e suas rondas e vigílias, e a prisão como punição e meio de inibir a criminalidade e as revoltas contra o sistema. O poder já não mais se faz ver, contudo observa aqueles sobre quem exerce suas forças, ou seja, os dominados, e os controla incidindo suas forças sobre seus corpos.

É nesse período que a narrativa ocorre, o poder dominante representado pela tríade latifúndio - Igreja - Estado e a família Mau-Tempo representando a saga dos camponeses que só tiveram seus focos de luz ao balançarem o diagrama de forças com seus atos de resistência contra as condições de vida as quais eram submetidos.

> Tem razão respondeu o padre Agamedes, não sei que tentação me deu, mostrar-lhes que se não fôssemos nós, igreja e latifúndio, duas pessoas da santíssima trindade, sendo a terceira o Estado, alva pomba por onde is, se não fôssemos nós, como sustentariam eles a alma e o corpo. (SARAMAGO, 2013, p.242)

O Latifúndio é representado jocosamente por Lamberto Horques, um alemão, o primeiro a ter direito à propriedade e todos os outros “Bertos” que perpetuaram esse direito de propriedade das terras, como lemos no romance:

> Quando Lamberto Horques Alemão subia ao eirado do seu castelo, não lhe chegavam os olhos para tanto ver. Era senhor da povoação e seu termo, dez léguas de comprido e três de largo, com franqueza e liberdade de tributo, e embora tivesse

> recebido o encargo de povoar a terra, não foi por seu mandado que na fonte foi a moça forçada, mas tendo assim calhado, melhor. (SARAMAGO, 2013, p. 25)

A Igreja é representada repetidamente pelo padre Agamedes ainda que não seja o mesmo padre em toda a narrativa. A figura do padre com seus discursos religiosos nas missas direcionadas aos camponeses tem por função perpetuar o discurso de sujeição e submissão à guarda e aos donos do latifúndio.

> Mas o padre Agamedes também clama, Certos homens que por aí andam em segredo a tirar-vos do vosso sentido, e que a graça de Deus Nosso Senhor e da Virgem Maria quis que em Espanha fossem esmagado, vade retro satanás e abrenúncio, hei-de vos dizer que fujais dele como da peste, da fome e da guerra, pois são a pior desgraça que sobre a nossa santa terra podia cair, praga digo como os gafanhotos no Egipto, e é por isso que não me cansarei de vos dizer, que deveis dar atenção e obedecer aos que mais sabem da vida e do mundo, olhai a guarda como vosso anjo da guarda, não lhe guardeis rancor, que até o pai é às vezes obrigado a bater (SARAMAGO, 2013, p.127)

O Estado é representado pela força da guarda. O surgimento da tropa garantia o poder e o controle dos corpos para o Estado. A todo momento, a tropa vigiava os camponeses para descontruir seus movimentos e tentativas de lutas. Escondidos, estavam sempre atentos aos movimentos dos camponeses.

> O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis àqueles sobre quem se aplicam. (Foucault, 2017, p. 168).

O narrador de *Levantado do Chão* descreve como a guarda, com requintes de prazer, defende o Estado e o latifúndio de forma violenta contra o levante dos camponeses.

> Eis que voa a guarda nacional republicana por esses campos fora. Vão a trote, a galope, bate-lhes o sol nas armaduras, fraldejam as gualdrapas nos joelhos das bestas, ó cavalaria, ó Roldão, Oliveiros e Ferrabrás, ditosa pátria que tais filhos pariu. À vista esta a herdade escolhida, e o tenente Contente manda desdobrar o esquadrão em linha de carga, à ordem do cornetim, a tropa avança lírica e guerreira, de sabre desembainhado, a pátria veio à varanda apreciar o lance, e quando os camponeses saem das casas, dos palheiros, dos lugares do gado, recebem no peito o peitoral dos cavalos e nas costas por enquanto as pranchadas [...] (SARAMAGO, 2013, p. 36)

Sobre o controle dos corpos que esse dispositivo de forças impõe, o narrador de *Levantado do Chão* comenta.

> Lavavam os sacos e saquitéis até às tulhas, a bilha à adega, media o feitor os víveres, pagava o patrão de escala o numerário, e com isto se haviam de governar os corpos e repor forças onde todos os dias se gastavam. Porém, claro está que nem todas elas se restabeleciam, não queriam mais nada, além de ser fatal que o tempo, passando, faça suas destruições, e daí que as caveiras em demasia se mostrassem por baixo da pele, para isto se nasce. (SARAMAGO, 2013, p.66)

Partindo daí, tendo como pano de fundo a Idade Modera descrita por Michel Foucault, a narrativa de Saramago é construída direcionando seu foco para a luta e resistência dos

camponeses e, na obra, essa luta é representada por João Mau-Tempo, personagem que a destacaremos no romance.

5.1 **João Mau-Tempo e a criação de linhas de fuga**

> Um campo social não para de ser animado por toda espécie de movimentos de descodificação e desterritorialização que afeta "massas", segundo velocidades e andamentos diferentes.
> *Gilles Deleuze e Felix Guatarri*

Voltando ao conceito de segmentaridade de Deleuze e Guatarri seguiremos pensando a resistência dos camponeses como linhas de fuga que alteram e movimentam esse diagrama impelindo, a todo instante, movimentos de reação do poder.

Relembrando os conceitos de linhas segmentaridade temos: a linha de segmentaridade dura, também chamada de linha molar, representada pelas instituições (família, escola, prisão, Estado, etc); a linha de segmentaridade molecular, mais maleável, que não supõe uma segurança institucionalizada como é a linha molar, (essa linha mais maleável já faz tremer o diagrama) e a terceira linha, que é a linha de fuga, uma linha de resistência que movimenta e transforma os diagramas, desterritorializando e descodificando poderes instituídos e, ao mesmo tempo, reterritorilizando e sobrecodificando saberes e poderes gerando mudanças. É por essas forças sempre constantes e difusas que os diagramas não param de se mover, o centro de poder é o foco destas três linhas.

Em *Levantado do Chão*, transformações ocorridas no dispositivo disciplinar revelam um processo de descodificação e desterritorialização, e onde, após as mudanças, as linhas se rearranjam em um movimento de reterritorialização e sobrecodificação atualizando as forças.

Na obra, podemos ilustrar os movimentos destas linhas através da vida de João Mau-Tempo, que de um sujeito dominado e acorrentado pela linha dura e sua sensação de segurança, escorrega pelas outras linhas até um reconhecimento de si e de suas condições de vida. Essa tomada de consciência o torna um indivíduo que resiste às forças de sujeição.

João Mau-Tempo, filho de Domingos Mau-Tempo e Sara da Conceição, é também um camponês condenado à vida sofrida do campo, como seus pais. Vivendo uma vida de trabalho

no latifúndio e submisso ao poder do latifundiário, João é mais um a ser controlado pela necessidade e condições.

> Melhor é declarar que estes anos de João Mau-Tempo vão ser os de educação profissional, no sentido tradicional e campestre de que um homem de trabalho tem de saber de tudo, tão bom para ceifar como para tirar cortiça, tão destro a valar como semear, tão bom de lombo para carregar como de rins para cavar. Este saber transmite-se nas gerações sem exame nem discussão, é assim porque sempre assim foi, isto é uma enxada de gaviões, isto uma gadanha, e isto uma gota de suor. (SARAMAGO, 2013, p.64)

No decorrer da narrativa, João Mau-Tempo vai tomando consciência de sua posição na sociedade. A primeira reação de resistência da personagem se dá diante da mãe, quando ele a desafia sem medo diante de ameaças de não obedecer às regras e a disciplina impostas por ela e pelo encarregado que vigiava seu trabalho:

> Eram bons tempos, esses, para a disciplina. Sara da Conceição, com razão remordida dos maus exemplos do marido e mais ainda do bicho que por dentro a roía de culpada da morte mofina, pregava a todo instante e hora, Vê lá, olha se não andas na linha, dou-te uma sova, temos de olhar pela vida. Isto lhe dizia a mãe, e o lameirão reforçava, Ó Mau-Tempo, olha que tua mãe disse-me que de ti só queria os ossos para fazer cadeira a pele para fazer um tambor. Falando assim conjuntas e afinadas duas autoridades, que mais faria João se não acreditar. Mas um dia, moído de pancada e de trabalho excessivo, desafiou a ameaça de ser esfolado e desossado, e abriu-se com a mãe estupefacta. Pobre Sara da Conceição, que não aprendia o mundo. Tudo ali foram gritos e ais, Maldito homem, que lhe não disse tal coisas, dá a mãe um filho à luz para isto, todos os opulentos fazem pouca miséria, nem aos próprios filhos tem amor esse dragão. (SARAMAGO, 2013, p.60)

Mais adiante no romance, temos mais um sinal de que João Mau-Tempo é um homem que, ainda que inconscientemente, questiona a sua condição de explorado e a humilhação que sofre pelas forças que regem o latifúndio. Quando dispensado pelo serviço militar, ele pensa que escapou de um dia ser guarda e ter que vigiar os camponeses e o campo onde ele então trabalha a duras penas.

> E agora vai João Mau-Tempo às sortes. Sonha acordado, já se vê longe de Monte Lavre, quem sabe em Lisboa, e depois do serviço militar cumprido, tolo será se não conseguir um emprego nos eléctricos ou na polícia [...] Foram uns quantos apurados, e dos quatro que ficaram livres, só um vinha triste. Era esse João Mau-Tempo, para quem se desvanecia no impossível o seu sonho de farda, dependurado nos balaústres dos electricos, repenicando o tacão na campainha, ou, se polícia, policiando as ruas da capital, ou, se guarda, guardando, para quem, os campos onde agora penava, e esta hipótese, de tanto que o perturbava, ajudou-o a curar-se da decepção. (SARAMAGO, 2013, p.68)

Quando João Mau-Tempo passa realmente a ter consciência de sua vida submissa e sujeitada ele passa da linha molar para molecular, começando um processo de desterritorialização e descodificação, fazendo-o lutar pelos seus direitos. Conforme figura no dicionário de personagens saramaguianos:

> João Mau-Tempo faz jus ao tempo que o autor considera tempo das perguntas, uma vez que lutou contra a exploração dos trabalhadores no latifúndio. Grevista, possuía um discurso comunista e por causa disso foi preso três vezes. Por fim, envolveu-se em

> um movimento revolucionário, foi preso, ficou trinta dias apanhando e sofrendo muito. Era avô de Maria Adelaide Espada. (FERRAZ, 2012, p. 187)

O narrador descreve o momento em que os trabalhadores do latifúndio começam a se organizar. De canto em canto, aos poucos, vão se reunindo, trocando ideias, repassando papéis, tomando decisões.

> Tem toda a razão o padre Agamedes. Andam homens pelo latifúndio, encontram-se aos três e aos quatro em sítios escondidos, nos ermos, às vezes em casas abandonadas, vigiando, outras vezes na abrigada de um vale, dois de aqui, dois de além, e mantendo grandes conversações. (SARAMAGO, 2013, p.129)

João, por sorte de ter sido afilhado do padre Agamedes que o ensinou a ler, toma contato com esses panfletos revolucionários espalhados pelo latifúndio afora que divulgam as ideias do movimento da luta de classes e seu modo de organização. Essas ideias inscritas nesses papeis o fazem despertar para seu papel de explorado.

Certo dia, em missa onde o padre chama a consciência dos fiéis para não atender aos chamados revolucionários que andam circulando pelos campos diz: “[...] vos recomendo, conjuro e emprazo que não deis ouvidos a esses diabos vermelhos que andam por aí a querer nossa infelicidade, que não foi para isso que Deus criou nossas terra [...].” (SARAMAGO, 2013, p.129). Joao Mau-Tempo que, de vez em quando frequenta a missa, ao ouvir as palavras do padre questiona a veracidade das mesmas.

> Ouve esses dizeres inflamados do padre Agamedes, compara-os em sua cabeça com o que conseguiu fixar da leitura de papéis que às escondidas lhe têm dado, faz o seu juízo de homem simples e se dos papéis acredita alguma coisa, das palavras do padre acredita em nenhuma. (SARAMAGO, 2013, p.129)

Após a missa, os camponeses se reúnem para uma conversa em meio a bebidas. Um deles comenta sobre a fala do padre, e tem resposta recatada de João Mau-Tempo em forma de sorriso e tom de cumplicidade. Assim, levantam os copos e brindam a conscientização de mais um levantado.

> Então o padre falou bem, pergunta que nem tem resposta porque este é um dos dois ou três que em Monte Lavre nunca vão à missa, perguntou por judiaria. João Mau-Tempo torna a sorrir, A prédica é sempre a mesma, e mais não diz por que já vai no caminho dos quarenta, não bebe tanto que perca o freio da língua. Mas das mãos deste que falou é que lhe vieram os papéis, e então olham um para o outro, e o Sigismundo, é esse seu nome, pisca-lhe o olho e levanta o copo do vinho, À saúde. (SARAMAGO, 2013, p.130)

Já existe aí uma força de resistência da personagem que flui entre as linhas de força até chegar de vez a uma linha de fuga. Após essa tomada de consciência, junto dos outros camponeses de Portugal, dá continuidade a luta dos trabalhadores da terra pelos seus direitos.

Cansados de passar fome, “com as barrigas esticadas como peles de tambor” os camponeses, como nós de resistência, e a partir de enunciados oriundos de todos os lugares estimulando outras forças do diagrama, iniciam atos e greves que lhes custam severas punições, prisões e algumas vidas, mas que lhes dão motivos reais para viver.

Por conta de seu envolvimento na luta por direitos e melhorias nas condições de trabalho, João Mau-Tempo teve sua punição. A prisão foi seu destino por três vezes. Exercício do dispositivo disciplinar, a prisão é usada para a supressão da liberdade e tem por intuito inibir atos de sedição e criminalidade.

Foucault fala sobre o mecanismo prisional para controlar os corpos e torná-los dóceis, um mecanismo que tem como aparelho a vigília dos corpos, o poder vê e não quer ser visto. Uma mesma punição é aplicada para aqueles que agirem ilegalmente, para cada ação ou ato contrário às leis, existem formas únicas de penalidades. Nas palavras do filósofo:

> A prisão é menos recente do que se diz quando se faz datar seu nascimento dos novos códigos. A forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e centraliza. A forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis, por meio de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição-prisão, antes que a lei definisse como a pena por excelência. (FOUCAULT, 2017, p. 223)

João Mau-Tempo, por fazer parte dos movimentos de luta dos camponeses, é punido e levado à prisão, torturado, forçado a falar e entregar seus companheiros de luta, mas ele resiste. Passa por todo o sofrimento e assim vai se fortalecendo e potencializando, ganhando ainda mais consciência e convicção do seu papel na luta por melhores condições de trabalho.

> [...] temos de ir prender um homem, só estamos a deixar que ele acabe de almoçar, guarda somos, mas temos coração, que é que julgam. [...] Aproxima-se enfim José Calmedo e, retirado, chama o capataz, não quer chegar-se à fala geral, um homem não é nenhuma menina, mas tem seus pudores, Diga ao João Mau-Tempo que quero dar-lhe uma palavra. [...] O coração de João Mau-Tempo bate agitado como o dum passarinho. Não é o caso de reconhecer-se culpado de extraordinárias culpas, daquelas que não costumam ser perdoadas com a multa e carga de porrada. (SARAMAGO, 2013, p.252)

Uma vez tomado à consciência, ele não volta atrás. João Mau-Tempo não foi vencido pelo poder, nesse caso, repressivo. A prisão não o fez parar de lutar, nem mesmo a tortura o fez parar e nem entregar seus companheiros.

Após seis meses na prisão, após ter sofrido grandes pressões, João Mau-Tempo retorna para casa e para o trabalho no campo. Mesmo passando por esse processo punitivo, ele

continua resistindo e lutando, acreditando ver um dia, alguns de seus direitos conquistados. Como se pode ler no romance:

> Nessa noite foi Sigismundo Canastro a casa de João Mau tempo, conversou com ele e com Antônio Mau-Tempo, e dali seguiu para a casa de Manuel Espada, onde se demorou. Visitou outras três casas, duas delas isoladas no campo, falando desta ou daquela maneira, por palavras umas ou por palavras outras que nem com todos pode o falar ser o mesmo, ou sendo sim o mesmo, é o entender que é diferente, e o recado em seu miolo, é irem daí a dois dias a Montemor em manifestação diante da câmara municipal, o mais de gente do concelho que se pode juntar, a pedir o trabalho que havendo não é dado [...] Que iremos fazer, Sigismundo Canastro, tu que és mais velho e mais experiente, A Montemor vamos segunda-feira, reclamar o pão dos filhos e dos pais que os devem criar, Mas isso é o que sempre fizemos, e os resultados, Fizemos, fazemos e faremos, enquanto não puder ser diferente, Canseira que nunca acaba. (SARAMAGO, 2013, pp. 332, 333)

5.2 **Os atos de resistência e a reorganização do diagrama de forças**

Em meio a muitas punições e prisões, os camponeses conquistam algumas de suas reivindicações no processo de luta e resistência contra o poder dominante, dentre elas, as oito horas de trabalho diárias e o primeiro de maio como sendo o dia do trabalhador, conforme está registrado na parte final da obra:

> De monte em montado, estas e outras palavras dão volta ao latifúndio, [...], e em Monte Lavre também se fizeram reuniões de acerto e combinação, se havia gente com medo, outro o não tinham, de modo que ao chegar o primeiro de Maio estavam os ânimos decididos (...) (SARAMAGO, 2013, p. 364)

Após muitos anos de luta, muitas reuniões, greves e decisões, enfim os camponeses vencem uma batalha. E João Mau-Tempo sempre ao lado de seus companheiros de luta, participando de todas as etapas até a conquista. Mesmo envelhecido, acompanhado também pela força de sua esposa, filhos e neta ele lutou pela causa que acreditava. Antes de sua morte, João Mau-Tempo pode ver um dos direitos pelos quais lutava conquistados.

> Acordam as aves de madrugada e não veem ninguém a trabalhar. Muito mudado vejo o mundo, diz a calhandra. Mas o milhano que voa alto e devagar, grita que o mundo está muito mais mudado do que julga a calhandra, e não é apenas por trabalharem os homens oito horas justas, saber esse das formigas, que têm visto muita coisa e são de boa memória, nem admira, andam sempre juntas, Que me diz a isto, senhor padre Agamedes, Nem sei que lhe diga, senhora dona Clemência, adeus mundo cada vez pior. (SARAMAGO, 2013, p. 370).

Com o corpo sofrido e maltratado de uma vida de trabalho e exploração no campo, ele adoece. Após passar dois meses no hospital, ele retorna ao lar e é lá, de forma especial, que ele morre, rodeado por sua família. “Hoje não é domingo, mas com esta chuva, ninguém pode

ir trabalhar. João Mau-Tempo vai ter toda a família ao pé de si [...]" Nos seus últimos momentos de vida, João Mau-Tempo toma o lugar do narrador e passa a contar as suas últimas horas de vida em discurso direto.

> Estará também Antônio Mau-Tempo, meu filho, que agora se levantou e veio descalço, Como se sente, meu pai, e eu que sei que hoje é dia da minha morte respondo, estou bem, quem sabe acreditará, tem cotovelos assentes na barra da cama [...] E também há-de vir a minha neta Maria Adelaide, a que tem olhos azuis como eu [...]. (SARAMAGO, 2013, pp.373, 374)

Nossa personagem não chegou a ver todas as conquistas de seus ideais em vida mas, seu filho Antonio Mau-Tempo, sua filha Gracinda e sua neta Maria Adelaide, que herdaram dele a força de resistir, a única herança que ele poderia deixar, prosseguiram na luta e testemunharam as transformações nas relações de trabalho, depois de muitos anos de persistência e poder de resistência. Testemunharam também com grande expectativa as novas mudanças que a Revolução dos Cravos trouxe.

> E então começa-se a falar no primeiro de Maio, é uma conversa que todos os anos se repete, mas agora é um alvoroço público, lembra-se a gente de que ainda o ano passado andava a esconder-se por aí, para combinar, organizar, era preciso voltar constantemente ao princípio, ligar os de confiança, animar os indecisos, tranquilizar os temerosos, e mesmo agora ainda há quem não acredite que a festa do primeiro de Maio possa ser as claras como diziam os jornais, quando a esmola é grande, o pobre desconfia. (SARAMAGO, 2013, p. 385)

A resistência dos camponeses revela o processo de desterritorialização e descodificação que certamente implica num movimento de sobrecodificação e reterritorialização. O discurso da luta, depois de muito proferido, ganhou condições de possibilidade que o permitiu tornar-se visível e dizível. Porém, as linhas de segmentaridade se chocam a todo instante, o que as faz reacomodarem-se em processos de reterritorialização e sobrecodificação das forças de poder. É o caso da luta do camponês que, após vitória e mudança no trabalho do latifúndio, vê o diagrama reacomodar-se para o lado mais forte.

> Estava o trigo e a terra e não o ceifaram, não o deixam ceifar, searas abandonadas, e quando os homens vão pedir trabalho, Não há trabalho, que é isto, que libertação foi esta, então já se fala em acabar a guerra em África e não acaba esta do latifúndio. Tanto se apregoou de mudanças e de esperanças, saíram as tropas dos quartéis, coroaram-se os canhões de ramos de eucalipto e os cravos encarnados, diga vermelhos, minha senhora, diga vermelhos, que agora se pode, andam aí a rádio e a televisão a pregar a democracia e outras igualdades e eu quero trabalhar e não tenho onde, quem me explica que revolução é esta. (SARAMAGO, 2013, p.387).

João Mau-Tempo na ocasião destas mudanças já havia morrido, mas a resistência continuava. Sua neta, que tinha os mesmos olhos azuis do avô, entrara na luta que não tinha mais volta e retrocesso, porque, depois da fissura, não há volta, as linhas de fuga quando desencadeadas não dão mais chance de retorno ao que era antes. Não que o explorador deixou

de explorar o proletariado, mas outras formas de exploração foram criadas e novas formas de poder no processo de sobrecodificação e reterritorialização reacomodaram o diagrama.

> E então num sítio qualquer do latifúndio, a história lembrar-se-á de dizer quais os trabalhadores ocuparam uma terra. Para terem trabalho, nada mais, cubra-se de lepra a minha mão direita se não é verdade. E depois numa outra herdade os trabalhadores entraram e disseram, Vimos trabalhar. E isto aconteceu aqui, aconteceu além (...). Porém, estas brancuras não são, é gente escura, formigueiro que se espalha pelo latifúndio, a terra esta cheia de açúcar, nunca se viu tanta formiga de cabeça levantada. (SARAMAGO, 2013, pp. 391,392).

Ainda que novas formas de poder tenham sido criadas como meios de dominação do camponês, toda a trajetória de luta dos camponeses nos revela os nós de resistência deste diagrama. E foi por conta desses nós que o poder teve de se rearranjar criar novos processos de sujeição, reorganizar os códigos e discursos.

João Mau-Tempo representa esse processo de desterritorialização e descodificação. Representa a resistência frente a essas forças de dominação. A personagem dobra-se diante destas forças, mesmo diante dos sofrimentos de uma vida inteira de exploração. A dobra de sua força o fez tomar consciência de seu papel dentro do latifúndio, ele percebeu que o latifúndio só produzia porque nele havia seu trabalho e de todos os seus companheiros. Essa consciência o fez levantar do chão, o fez levantar a cabeça e ajudar a outros levantá-la e a partir de então, “nunca se viu tanta formiga de cabeça levantada”.

Mais do que nunca, é imensamente oportuna a epígrafe escolhida para *Levantado do chão*, retirada de *Viagens na minha terra* (1846), de Almeida Garret:

> E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?

Assim, encerramos a história e a trajetória de resistência de João Mau-Tempo, que na obra representa a figura do camponês desde seu processo de sujeição à tomada de consciência. As linhas de fuga criadas por esses camponeses ajudaram a reorganizar o diagrama de forças da Idade Moderna, modificando-o, estratificando-o em novos discursos e novos poderes.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final deste estudo que pretendeu analisar as relações de poder e resistência de duas personagens saramaguianas: Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo, presentes nas obras, *Memorial do Convento* e *Levantado do Chão*, respectivamente.

Para isso, procuramos esquadrinhar os movimentos de mudança em dois diagramas históricos: A Idade Clássica e a Idade Moderna à luz da teoria proposta por Michel Foucault acerca destes períodos históricos. Nos debruçamos também aos seus estudos sobre a força de resistência que movimentou, desestabilizou e modificou tais diagramas. Procuramos revelar as particularidades de cada diagrama histórico em questão bem como atentar para as suas mudanças de um período a outro.

Seguindo os estudos de Foucault, analisamos as relações de poder da Idade Clássica e Moderna e as linhas de força que as entrecortam. Pautados nesses estudos, percorremos a trajetória de vida das personagens Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo, que inseridas em tais contextos históricos nos permitiu pensarmos as forças de resistência das personagens frente às relações de poder em cada diagrama histórico em questão.

Como vimos no decorrer desse estudo, os romances de José Saramago que têm como pano de fundo a História, como é o caso dos romances analisados, não podem ser considerados nem como romance realista e nem como romance histórico. O fato do autor se apropriar destes períodos históricos não tem como proposta recontá-los de forma documental, mas sim ficcional, como nos mostra Ana Paula Arnaut:

> A ideia de um discurso globalizante é assim central à prática romanesca de José Saramago, afastando-o tanto do romance realista como do romance histórico. A teoria do texto globalizante, referente a todas as obras de Saramago, coloca este autor como produtor de metaficções, em que os movimentos sincrônicos de releitura e auto-interrogação reflectem as próprias posições existenciais e críticas. Os seus romances surgem-nos, então, como uma metáfora de transformação de um narrador obsessivo que tudo nos quer explicar. (ARNAUT, 2008, p. 150)

Voltar a fatos históricos é uma maneira do autor analisar o presente, pois ao olharmos para uma formação histórica passada, percebemos a diferença com o nosso tempo e nos percebemos mais ao delimitarmos essas diferenças.

> É por isso que Foucault considera séries históricas curtas e recentes (entre os séculos XVII e XIX). E mesmo quando considera, em seus últimos livros, uma série de longa duração, desde os gregos e os cristãos, ´para descobrir no que é que não somos gregos nem cristãos, e nos tornamos outra coisa. Em suma, a história é o que nos separa de nós mesmos, e o que devemos transpor e atravessar par nos pensarmos a nós mesmos. (DELEUZE, 2013, p. 123)

Podemos relembrar a abertura do discurso por ocasião do Prêmio Nobel de Literatura, em que José Saramago afirma:

> O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia, Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo.

Ao recontar a história, Saramago faz justiça àquelas personagens que a História não deixou registrado, o autor reclama o lugar de tantas vidas que foram esquecidas ao longo da história em detrimento do poder dominante. Vidas essas que muitas vezes foram as responsáveis pelas mudanças dos dispositivos históricos por agirem resistindo à força do poder dominante nestes diagramas.

Assim, analisamos duas possíveis existências que não entraram nas páginas dos livros de História. Blimunda Sete-Luas e João Mau-Tempo. Analisamos seus modos de vida e seus processos de subjetivação, que os libertaram dos modos de sujeição impostos pelo poder dominante de cada estrato histórico. Percebemos no decorrer desta análise, que as ações de resistência e os modos de subjetivação das duas personagens são distintos.

Blimunda Sete-Luas é construída na obra com uma personalidade forte. Ela é uma personagem potente e sua resistência é capaz de fazê-la ser dona de seu destino e de suas próprias escolhas. Ela é capaz de resistir aos dogmas e preceitos do poder dominante, pois é muito sábia “esteve de olhos abertos na barriga de sua mãe”, sabe distinguir o que é bom para ela sem se sujeitar. Ela segue sua intuição que a leva a ter sempre boas escolhas conforme seus anseios e vontades.

No decorrer da obra, essa força vai intensificando-se e potencializando-se. Ela cresceu em um ambiente transgressor frente aos dogmas da Igreja, pois era filha de uma cristã-nova. No decorrer da narrativa, demostrou não se sujeitar às forças desse poder. O fato dela sempre se orientar de acordo com suas vontades de desejos a deixa liberta. A personagem vive sua vida sem se importar com dogmas, verdades, instituições que o poder dominante, representado pela Igreja e pelo rei, impõe. Vive uma vida de amor ao seu companheiro e aos seus amigos, trabalha em prol de seus desejos e assim resiste e se subjetiva.

Já a personagem João Mau-Tempo, nasceu em um ambiente de extrema pobreza, seus pais trabalhadores humildes nunca ensinaram a ele a ser homem capaz de resistir às forças dominantes e, mesmo que tivessem essa intenção, não poderiam fazê-lo pois não tinham esse direito de escolha por dependerem dessas forças para sobreviverem. Se sujeitavam ao poder pois era ele que lhes conferia o sustento e a sobrevivência, ainda que de modo miserável.

Porém, no percurso de vida da personagem, ela passa a ter consciência de sua posição de subjugado e passa a resistir e lutar contra essas forças de sujeição. A resistência aos poderes que os submetem a uma vida de pobreza o faz crescer e se transformar. Suas ações, como as de outros camponeses, são capazes de transformar o diagrama de forças orientando-o para uma nova direção. Resistir nesse caso é um ato de luta e que lhes confere uma nova vida menos sofrida que a anterior mas não o torna liberto como é o caso de Blimunda.

Portanto, se comparamos as duas personagens, vemos que esses atos de resistência os levaram a resultados diferentes, enquanto Blimunda Sete-Luas teve como resultado uma vida de liberdade, João Mau-Tempo teve transformações na esfera do trabalho do camponês, tendo, nesse caso, a resistência da personagem resultado na transformação no campo social.

Com isso, Saramago, ao revisitar tais fatos históricos e criar essas vidas que representaram o homem do povo, deu vez e voz a personagens marginalizadas, opostas às que a História nos deixou registrada, faz justiça a elas. Ao recriar a História o autor traz outra significação a ela. Ele revela que por trás da história canônica que nos é passada de geração em geração, existe outra história que, ignorada, se perde no tempo.

As personagens desta história outra, muitas vezes são as que de fato fazem o mundo girar seja por sua força de trabalho, seja por sua capacidade de resistir às forças dominantes, trazendo uma nova configuração para o mundo. E essa parece ser a intenção do autor, a de chamar à visibilidade essas vidas e valorizá-las, pois de fato são as verdadeiras vidas que movimentaram o mundo e que foram esquecidas no tempo.

REFERÊNCIAS

ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ARNAUT, Ana Paula. Post Modernismo. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50544/54660. Acesso em: 28 maio 2019.

BERGSON, Henri. *Aulas de psicologia e metafísica.* Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo.* Trad. Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles.III Michel Foucault *In*: *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Foucault.* Trad. Cláudia Sant´Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Sueli Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1996. v.3.

FERRAZ, Salma (org.). *Dicionário de personagens da obra de José Saramago*. Blumenau: Edifurb; 2012.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade volume 1*: a vontade de saber. Rio de Janeiro Graal, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A vida dos Homens Infames*. Disponível em: https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/.../foucault-m-a-vida-dos-homens-infames.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz & Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. Sobre a justiça popular. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz & Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir:* nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. *Revirando Casa e Mundo*: representações do herói e da família. Um estudo do romance português contemporâneo. Niterói: Editora da UFF, 2010.

ORELLANA, Rodrigo de Castro. A Ética da Resistência. *Ecopolítica*, Revista da PUC SP, n. 2, 2012. p 37-67. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/2186/4388. Acesso em: 28 maio 2019.

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago/Carlos Reis.* Belém: Ed. UFPA, 2018.

REVISTA IPOTESE, Juiz de Fora: UFJF, Departamento de Letras, v. 15, n 1, jan./jun. 2011.

RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1968.

SARAMAGO, José. *A Caverna.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SARAMAGO, José. A*s Intermitências da Morte.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SARAMAGO, José. *Todos os Nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira. *José Saramago, entre a história e a ficção: Uma saga de portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.